

LÍNGUA PORTUGUESA

O ESSENCIAL

Língua Portuguesa

3º ciclo

José Nuno Araújo

Índice

PARTE 1 – ESCRITA	4
ORTOGRAFIA	4
PONTUAÇÃO	7
ACENTUAÇÃO	9
TIPOS E FORMAS DE FRASE	10
REGRAS DE ESCRITA	11
ESCRITA E REESCRITA DE TEXTOS	12
CONSTRUIR UMA HISTÓRIA	13
COMUNICAÇÃO	14
PARTE 2 – PROTÓTIPOS TEXTUAIS	15
TEXTOS NORMATIVOS	15
TEXTO JORNALÍSTICO	16
TEXTO NARRATIVO	17
TEXTO DRAMÁTICO (TEATRAL)	18
TEXTO LÍRICO	19
ESTRUTURA EXTERNA E INTERNA	19
DESCRIÇÃO	20
RESUMO	20
BIOGRAFIA E AUTOBIOGRAFIA	21
PARTE 3 – FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA	22
RELAÇÕES ENTRE PALAVRAS	22
DISCURSO INDIRECTO / DISCURSO DIRECTO / DIÁLOGO	23
VOZ ACTIVA / VOZ PASSIVA	25
FORMAÇÃO DE PALAVRAS	26
NOÇÕES BÁSICAS DE VERSIFICAÇÃO	27
PARTE 4 – MORFOLOGIA	28
MORFOLOGIA:	28
CLASSES DE PALAVRAS:	28
CONTRACÇÕES:	29
O SUBSTANTIVO E O ADJECTIVO (CLASSES DA MORFOLOGIA)	29
CASOS ESPECIAIS DE FLEXÃO EM GRAU DOS ADJECTIVOS	30
O VERBO	32
VERBOS: TERMINAÇÃO	33
PARTE 5 – SINTAXE	34
SINTAXE	34
NPS	35
ELEMENTOS DA ORAÇÃO	36

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO	37
PARTE 6 – FRASE SIMPLES E COMPOSTA / COMPLEXA	39
FRASE SIMPLES E COMPOSTA.....	39
ORAÇÕES COORDENADAS.....	40
ORAÇÕES SUBORDINADAS.....	40
FRASE COMPLEXA	40
FICHA DE TRABALHO: CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS.....	42
FICHA DE TRABALHO: A COORDENAÇÃO.....	43
PARTE 7 – LEITURA	44
OS DIREITOS INALIENÁVEIS DO LEITOR.....	44
VERBOS EM TESTES	45
TEXTOS	46
PARTE 8 – 9º ANO: OBRAS E HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA	54
“AUTO DA BARCA DO INFERNO”, DE GIL VICENTE	54
“OS LUSÍADAS”, DE LUÍS DE CAMÕES	59
EVOLUÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA.....	62
PARTE 9 – UM CURSO DE LÍNGUA PORTUGUESA	64
UM CURSO COMPLETO DE LÍNGUA PORTUGUESA	64
LINKS ÚTEIS.....	65

PARTE 1 – Escrita

Ortografia

Lista de palavras a não errar

CONNOSCO

COM NÓS

COM NOZ

HÁ

À

AH

AO

HOUVE # OUVE

TUDO # TODO

COZER # COSER

FUI # FOI

VÓS # VOZ

PRECISA-SE # PRECISASSE

FICA-SE # FICASSE

DEIXÁ-LO

RISCÁ-LO

SUJÁ-LO

FAZÊ-LO

LÊ-LO

RASGÁ-LAS

TROUXE-LHE

DOU-LHE

CORRIGIR-LHE

LEMBRAMO-NOS

LEVA-NOS

DEVÍAMOS

DARMOS

CULTIVAMOS

PERCEBEMOS

QUIS LEIO

ABRIU VIU

CAIU

DÊ

DE REPENTE

Exercícios de aplicação

Ortografia: há, à, ah!

1. Complete os espaços em branco com os seguintes vocábulos: há, à, ah!

1.1. Quando não _____ aulas, ninguém vai _____ escola.

_____ alguns meses que não vou ao cinema.

Hoje, _____ estrelas no céu.

1.2. _____ tanto tempo que não reflectia sobre o uso dos três AS.

Agora, já os sei distinguir. Quando posso substituir por “existe” ou “existem”, coloco “há”; quando indica um local / lugar, é “à”; quando revela alguma admiração, é “ah”. Por outras palavras, quando se refere a tempo, é sempre “há”, quando se refere a um espaço, é sempre “à”, quando se refere a algo que espanta, é sempre “ah”.

_____ que maravilha! Vale a pena estudar.

2. Escreva frases em que entrem as palavras homófonas: há, à, ah!

Ortografia - ão / -am e outras formas verbais

3. Complete os espaços em branco com as seguintes terminações verbais: -ão / -am

3.1. Eles er_____ irm_____ s gémeos, mas n_____ er_____ nada parecidos.

Ontem chegar_____ tarde, amanhã chegar_____ a horas.

No sót_____ lá de casa as crianças encontr_____ de tudo um pouco.

Quando descer_____ a escada agarrar_____ - se bem ao corrim _____.

3.2. Complete os espaços com as formas verbais adequadas:

Ontem, os jogadores da minha equipa _____ (jogar) bem.

Depois de amanhã, as equipas apuradas _____ (disputar) a final.

_____ (ter) de estar muito concentrados para jogarem bem.

Caso contrário, os desafios _____ (ser) inglórios.

Os clubes portugueses _____ (contratar) muitos jogadores estrangeiros.

Se os nossos jogadores não se aplicarem, _____ (contratar) muitos mais.

Ortografia: sse / -se

4. Complete as seguintes frases, inserindo a forma verbal adequada:

soube-se / soubesse	escrevesse / escreve-se	arruma-se	/ arrumasse
vende-se / vendesse	falasse / fala-se		

4.1. Agora _____ muito de problemas ecológicos.

4.2. Embora _____ que ia chover, resolvi sair.

4.3. Hábito _____ com “h”.

4.4. Faria um mau negócio se _____ o carro novo.

4.5. Depois da aula _____ o material.

4.6. Se o Luís me _____ num tom agressivo, eu não gostaria.

4.7. Pedi-lhe que _____ tudo antes de sair.

4.8. _____ ontem que iriam realizar-se grandes obras.

Exercícios de aplicação (continuação)

1. Preencha os espaços em branco com a palavra adequada ao contexto:

roído - ruído

1. O teu casaco foi _____ pela traça.
2. A tua mota faz muito _____.

conselho - concelho

1. Vila Nova de Mil Fontes fica no _____ de Odemira.
2. Devias ter ouvido o meu _____.

tensão - tenção

1. Não fazíamos qualquer _____ de sair do país.
2. Fiz esta confissão sob grande _____ nervosa.

nós - noz

1. A _____ é um fruto de que _____ muito gostamos.

passo - paço

1. Cuidado com o buraco! Não dê nem mais um _____.
2. As noites de Queluz realizam-se nos jardins e no _____.

era - hera

1. A _____ trepava viçosa pelas paredes da velha casa.
2. _____ uma vez um príncipe que vivia num palácio.
3. Isso é muito antigo! Já pertence a outra _____.

sela - cela

1. Comprei uma nova _____ para o meu cavalo.
2. Viveu dois anos naquela _____ do convento.
3. Se vais ao correio, _____-me esta carta.

2. Preencha as lacunas utilizando, nos tempos adequados ao contexto, os verbos indicados:

Hoje _____ (ler) pouco e _____ (escrever) ainda menos. Se hoje se _____ (escrever) e _____ (ler) mais, a cultura seria mais sólida.

Hoje _____ (ouvir) muita música. Talvez ele já _____ (ouvir) falar destas novidades. Ontem talvez _____ (haver) quem _____ (querer) sair contigo.

Houve quem _____ (dizer) que a Olga não estava em casa. Hoje _____ (dizer) muita coisa infundada.

Pontuação

Um homem rico, sentindo-se morrer, pediu papel e lápis e escreveu assim:

**“Deixo os meus bens a minha irmã não a meu sobrinho jamais será paga a conta do alfaiate nada aos pobres”.
Não teve tempo de pontuar e morreu.**

A quem deixava ele a fortuna que tinha?

Eram quatro os concorrentes. Chegou o primeiro e fez esta pontuação numa cópia do bilhete:

“Deixo os meus bens a minha irmã? Não! A meu sobrinho. Jamais será paga a conta do alfaiate. Nada aos pobres”.

A irmã do morto chegou em seguida, com outra cópia do escrito e pontuou-o deste modo:

“Deixo os meus bens a minha irmã. Não a meu sobrinho. Jamais será paga a conta do alfaiate. Nada aos pobres”.

Surgiu o alfaiate que, pedindo uma cópia do original, fez esta pontuação:

“Deixo os meus bens a minha irmã? Não! A meu sobrinho? Jamais! Será paga a conta do alfaiate. Nada aos pobres”.

O juiz estudava o caso, quando chegaram os pobres da cidade; um deles, mais sabido, tomando outra cópia, pontuou assim:

“Deixo os meus bens a minha irmã? Não! A meu sobrinho? Jamais. Será paga a conta do alfaiate? Nada! Aos pobres”.

Conto Popular

Como acabou de verificar, em função das diferentes pontuações, todos tinham direito à herança.

Para a compreensão de um texto, quando lido, há um factor importantíssimo que é a entoação, consistindo na elevação da voz, maior ou menor, e uma série de paragens – pausas –, também em maior ou menor escala.

A entoação, que é um fenómeno fonético ou de leitura, resulta da compreensão do que se lê e corresponde graficamente aos sinais de pontuação.

A pontuação não só é importante para exprimirmos com clareza o que pretendemos dizer, é-o também para uma boa compreensão do texto e uma boa e expressiva leitura.

-  . **Ponto final** indica uma pausa demorada
-  , **Vírgula** indica pequena pausa
-  ? **Ponto de Interrogação** indica uma pergunta
-  ! **Ponto de exclamação** utiliza-se nas frases exclamativas
-  ; **Ponto e vírgula** indica uma pausa maior do que a vírgula
-  : **Dois pontos** emprega-se antes de uma citação ou fala
-  ... **Reticências** indicam sentido incompleto
-  “ ” **Aspas** para transcrições textuais
-  () **Parêntesis** para destacar uma palavra ou uma frase intercalada
-  - **Travessão** indica nos diálogos mudança de interlocutor

Pontue correctamente:

1. “O pastor tinha um cordeiro e a mãe do pastor era também o pai do cordeiro”
2. “ O comboio continuou a viagem uma mulher e uma criança diziam adeus e ao mesmo tempo choravam o comboio lá foi e a estação ficou nua pelo caminho havia montes e algumas flores quando o comboio parou numa estação florida várias pessoas entraram arrastando as malas pesadas um homem bastante perto vendia gelados”
3. “Volta e meia há casório sobretudo no bom tempo ou aos domingos é um desperdício de arroz não sei donde vem o costume talvez seja um prenúncio votivo de abundância ou um símbolo de cresci e multiplicai-vos como arroz a gente pára a olhar e tem vontade de perguntar a como está hoje o arroz de primeira cá na freguesia”

José Rodrigues Miguéis – Arroz do Céu

4. No dia seguinte o avô pôs-se a investigar o que se passava em nossa casa e para seu desgosto verificou que a minha mãe não cuidava de separar as louças destinadas ao leite das que eram para a carne como competia a uma boa judia ao vê-lo assim direito de ombros largos de perinha e lunetas quis-me parecer o próprio Deus da justiça sentindo o meu olhar propôs Rose vem com o Bruno ao meu quarto”

Ilse Losa – *O Mundo em Que Vivi*

Acentuação

Principais regras - Palavras agudas, graves e esdrúxulas

Acentuação das palavras esdrúxulas:

Todas as palavras esdrúxulas (acentuadas na antepenúltima sílaba) se acentuam graficamente:

- a) com acento agudo, se a vogal for aberta: sábado, áurea.
- b) com acento circunflexo, se a vogal for fechada: ciência, côncava.

Acentuação das palavras graves:

A maioria das palavras portuguesas têm o acento tónico na penúltima sílaba, por isso, só têm acento nos casos em que a sua falta poderia levar a hesitação ou erro de leitura.

Acentuação das palavras agudas:

São acentuadas graficamente as seguintes palavras agudas:

. os monossílabos, dissílabos e polissílabos nas seguintes condições:

- a) com acento agudo os terminados nas vogais abertas: a, e, o; nos ditongos abertos: -ei, -oi, -eu (seguidos ou não de -s): pá(s), dá(s), dá-lo, maré, jacaré, papéis, céu(s), chapéu(s).
- b) com acento circunflexo os terminados em -e, -o, médios (seguidos ou não de -s): lê, fê-las, você(s), três, português; pôs, pô-lo, (Nota: os compostos do verbo pôr não levam acento).

. os dissílabos e polissílabos terminados em -em e -ens: alguém, convém, armazéns.

. os vocábulos terminados em -i, -u (seguidos ou não de -s), quando precedidos de vogal que com elas não forma ditongo: aí, caí, país.

Exercícios de aplicação

I. Coloque o acento agudo, grave ou circunflexo nas palavras que o exigem:

1. A raposa ia a fonte matar a sede, disfarçada; lá se encontrava o seu inimigo, lobo, que lhe devotava um odio mortal. A astucia dela vencia a ignorancia do lobo.
2. Naquele momento, aquela hora, ninguem andava ainda a trabalhar. So se ouviam as aves nas arvores cantando, euforicas, a alegria da Primavera.
3. O caçador ia a caça com frequencia; saia de manhã cedo, os cães atras, em alvoroço. So regressava a noitinha com uma duzia de perdizes a cintura.
4. Não voltei a ve-lo senão quando regressou do colegio para passar ferias na aldeia na companhia agradavel dos avos.
5. Sozinho, o Cavaleiro da Dinamarca percorreu muitas regiões aridas ate chegar a Palestina. Ai, visitou os lugares santos onde Jesus viveu. Sentiu uma fortissima emoção e uma inesquecivel paz.
6. Apos o notavel exito obtido com o primeiro espectaculo, o grupo de bailado voltara a exhibir-se depois de amanhã no auditorio da Fundação.
7. Se não perdessemos mais tempo e fossemos ja de taxi para a estação, ainda apanhariamos o rapido que chega ao Porto cerca da meia-noite.

Tipos e Formas de Frase

Tipos de frase	Formas de frase	
Declarativa (.)	Afirmativa	Negativa
Interrogativa (?)		
Exclamativa (!)	Enfática (é que...; é cá...)	Passiva (voz passiva)
Imperativa (, ou .)		

Texto em Diálogo: Um Acidente

Ocorreu um acidente em frente de uma loja. Gritos, pessoas a correr, todos quiseram saber o que aconteceu e/ou ajudar. Deram-se ordens, soltaram-se exclamações...

Seguindo as indicações do tipo e da forma de frases, complete o seguinte diálogo:

Uma mulher dirigiu-se ao local do acidente, após ter ouvido um barulho. Surpreendida exclamou:

Uma mulher a correr (EXCLAMATIVO)

- _____

O dono da loja (INTERROGATIVO)

- _____

Havia lá um médico que (IMPERATIVO)

- _____

O dono da loja (DECLARATIVO)

- _____

O médico (IMPERATIVO - NEGATIVO)

- _____

O condutor da ambulância (INTERROGATIVO – NEGATIVO)

- _____

O médico (DECLARATIVO – NEGATIVO)

- _____

Regras de escrita

- ✚ Escrever frases pequenas;
- ✚ Não colocar palavras repetidas na mesma frase;
- ✚ Evitar palavras repetidas no mesmo parágrafo e texto;
- ✚ Escrever em qualquer texto / composição, pelo menos, três parágrafos;
- ✚ Uma composição tem que ter, pelo menos, 12 linhas;
- ✚ Antes de se começar a escrever um texto, devem ser elaborados tópicos, de modo a garantir, pelo menos, três parágrafos.
- ✚ Qualquer texto deve ter um título.
- ✚ Geralmente, antes de “e” e “ou” não há vírgula;
- ✚ Antes de “mas”, “porém”, “pois”, “porque”, “contudo”, há vírgula.
- ✚ Os parágrafos não devem iniciar-se por “mas”, “porém”, “porque”, “pois”, “então”, “e”, “ou”;
- ✚ Não começar frases por “mas” e “porque”.
- ✚ Quando se tira alguma palavra de um texto coloca-se entre aspas;
- ✚ Quando se indica o nome de um restaurante, campo de golf, jornal, revista, filme ou livro, coloca-se entre aspas.
- ✚ Na terceira pessoa do plural, só têm dois “es” as seguintes formas verbais:
 - vêem # vêm # têm
 - lêem
 - crêem
 - dêem

- Uso de:	- Uso de:	- Uso de:	- 1ª pessoa do plural
. conosco; . com nós; . com noz	. há; . à; . ah	. ao	Não separar “mos”. Ex: cantamos

Escrita e reescrita de textos

Texto 1 - O liãozinho pequenino

Quando chegou ao acampamento todos ficaram a demirados com o liãozito e com medo. Mas quando se aproximaram deram comta que ele era muito meiginho e muito brincalham.

Mas oube um dia que o liãozito figio e o Simbolino ficou muito riste e foi a procura dele. Ele chamava por ele mas nada não abia geitos de liãozinho.

Pois o liãozinho estava no meio da selva também eataba muito trise ele tinha-se perdido deichou-se ficar onde ele estava a espera do Simbolino.

Quando o Simbolino chamava pelo liãozinho ele houbiu e rosmou o Simbolino ficou muito comtente de o encontrar. Lebouo para o acampamento o liãozito fartou-se de cumer pois tinha estado dois dias sem cumer.

Todos ficaram muito felizes de o turnarem a ver.

Mas Sibolino andaba com medo que rapeta-sem o liãozito porque andabam por lá caçadores.

Pois cuando os caçadores biram o liãozito gostaram tanto dele que tinha cuminado ir roubalo. Mas o Simbolino ouviu e foi contar as outras pessoas e todas elas ajudaram o Simbolino a arranjar uma armadilha para eles. E assim foi. Amararam uma corda de uma arbore a outra e uma rede nu cham. Então cuando eles foram a passar uns esticaram a corda e eles caíram em cima da rede e os amigos do Simbolino agudaram-no a pólos de la para fora e nunca mais la apareseram.

O Simbolino viveu com o liãozinho para sempre.

Texto 2 - O seu estava azul

O seu estava azul sem nuvens, no alto de um monte estavam arvores e rochedos, no centro encontravasse um alto e grande castelo castanha de pedra e argila, com grandes e groças moralhas e poucas e estreitas janelas, com muita luz no exterior e no interior pouca claridade, os soldados com as suas armas estvam sempre preparados para combater o inimigo, na torre esta o chefe ou o rei, as armas eram de ferro e pesadas como as armaduras dos guerreiros na praça de armas eram polidas asarmas ate brilhar.

No rio estava a reflecção docastelo onde ospeixes nadavam sossegados.

Construir uma história

Actividade:

Criar uma história com conjunções ou locuções conjuncionais, de acordo com as seguintes instruções:

1. Inventar um lugar (onde se passa a acção?)
2. Inventar um tempo (Quando se passa a acção?)
3. Inventar uma personagem (Quem é? Como é?)
4. Imaginar gostos / desejos / sonhos da personagem
5. (De que gosta? O que procura? Quais os seus objectivos / projectos?)
6. Referir obstáculos, dificuldades, oposições em relação à concretização dos desejos (O que é que impede a personagem de concretizar o que pretende?)
7. Inventar uma solução (Como se resolveram os problemas? Quem a ajudou?)
8. Criar uma situação final, um desfecho (Como acabou a história?)

Comunicação

Necessidade de exprimir ideias, estabelecer contactos.

Assenta num conjunto de signos e símbolos ou sinais.

Signos = palavra - significante (sons percebidos pelo receptor)
- significado (ideia que associamos aos sons)

Formas de comunicação:

- linguística (palavra)
- gestual (gesto, mímica)
- visual (bandeiras, faróis, semáforos)
- acústica (buzinas, apitos)
- táctil (escrita Braille)

Elementos da Comunicação:	Funções da linguagem:
- emissor (aquele que envia a mensagem) - receptor (aquele que recebe a mensagem) - contexto (assunto, conteúdo) - mensagem (aquilo que se diz) - canal (meio de comunicação) - código: (conjunto de palavras ou sinais comuns ao emissor e ao receptor)	- emotiva (emissor) - apelativa (receptor) - informativa (contexto) - poética (mensagem) - fática (canal) - metalinguística (código)

PARTE 2 – Protótipos textuais

Textos normativos

O contrato; a acta; o convite

Estes textos seguem regras próprias, pelo que sugere-se a análise e a posterior elaboração de alguns exemplares.

A carta

Estrutura

Fórmula de saudação

Desenvolvimento

Fórmula de despedida

Tipos de carta

Informal – familiar, de amor, entre amigos

Formal – comercial, oficial, de pedido de emprego com curriculum vitae, de resposta a um anúncio, de apresentação

A Declaração:

Acto escrito com o qual se declara algo, se prestam informações respeitantes a determinado(a) assunto ou matéria.

O Requerimento:

Petição por escrito, segundo as normas legais, na qual se solicita alguma coisa permitida por lei.

ESTRUTURAS

Declaração (uso da 1.ª ou 3.ª pessoa)	Requerimento (uso da 3.ª pessoa)
Abertura: Título centrado: Declaração	Abertura: Destinatário no lado direito
Encadeamento: Identificação do declarante (nome completo, portador do BI n.º..., emitido em..., pelo Arquivo de Identificação de ..., com o n.º de contribuinte..., residente em...,) Finalidade a que se destina	Encadeamento: Identificação do requerente (nome completo, portador do BI n.º..., emitido em..., pelo Arquivo de Identificação de ..., com o n.º de contribuinte..., residente em...,) Finalidade a que se destina
Fecho: Local e data centrado O declarante, centrado Assinatura centrada	Fecho: Pede deferimento, centrado Local e data centrado O requerente, centrado Assinatura centrada
Verbos mais frequentes: declarar, afirmar, garantir, confirmar, comunicar... Léxico específico: , para os devidos efeitos, declara (declara-se / declaro) que ...	Verbos mais frequentes: solicitar, requerer ... Léxico específico: ,vem (vêm), por este meio, solicitar a V. Ex.ª se digne...

Texto Jornalístico

Notícia

Narrativa curta (referir o essencial para captar a atenção do leitor)
de um acontecimento actual (ocorrência no espaço de 24 horas)
com interesse geral (desperta a curiosidade e atenção do destinatário)

Estrutura

Título – título com ou sem antetítulo e/ou subtítulo

Lead – 1.º parágrafo destacado ou não do corpo da notícia

🚦 Responde às questões: Quem? O quê? Onde? Quando?

Corpo da notícia – desenvolvimento da notícia

🚦 Responde às questões: Como? Porquê?

Entrevista

Tem como principal objectivo obter informações.

Intervenientes mínimos: um entrevistador e um entrevistado.

Estrutura

Introdução (descrição dos entrevistados, do lugar e das razões de ser da entrevista)

Questionário (perguntas de acordo com o tema)

Conclusão (opinião do entrevistador) - a conclusão não é obrigatória

Publicidade

Arte de persuadir, seduzir, convencer

Elementos de um anúncio publicitário:

Imagem – somos chamados por estímulos visuais;

Slogan – o poder da palavra, a qual deve ser original e fácil de memorizar;

Texto de argumentação – registo das vantagens, qualidades e superioridade do produto;

Marca – remete para o interesse. (É um anúncio a quê? Perguntamos nós).

A cadeia a que os profissionais designam por **AIDMA** (**A**tenção; **I**nteresse; **D**esejo; **M**emorização; **A**cção)

Crónica

Um texto de reflexão, uma interpretação.

Um texto de opinião sempre assinado.

Texto Narrativo

É aquele através do qual um **narrador** conta uma «história» em que entram **personagens** que se envolvem numa **acção**, situada num determinado **tempo** e num determinado **espaço**.

1. Categorias ou Elementos do Texto Narrativo

1.1. Acção - Desenrolar dos acontecimentos que constituem a «história». Estes acontecimentos são considerados principais ou secundários, conforme o seu grau de importância (acção central e secundária)

- Momentos da acção

Situação inicial; peripécias e ponto culminante; desenlace – narrativa aberta ou fechada.

. **acção – história(s): central e/ou secundárias; fechadas ou abertas;**
(divisão do texto em partes...)

1.2. Personagens - Agentes ou intervenientes na acção.

. – **principais ou secundárias; caracterização directa ou indirecta**

- Relevância

Principal ou protagonista - Desempenha o papel de maior importância.

Secundária - Desempenha papéis de menor relevo.

Figurante - Não desempenha qualquer papel específico, mas pode ser importante para a compreensão da acção.

- Caracterização das personagens:

caracterização directa - Fornecidas ao leitor, pela fala do narrador ou das próprias personagens;

caracterização indirecta - Deduzidas, pelo leitor, a partir do comportamento das personagens.

1.3. Espaço - Lugar onde decorre a acção.

. - **físico (interior ou exterior); social (agradável ou desagradável)**

1.4. Tempo - Momento em que decorre a acção.

. da história – **cronológico (data, hora, turno do dia...);**

histórico (passado, presente ou futuro)

. da narrativa – **analepse (recuos); prolepse (avanços); sumário; elipse**

1.5. Narrador - Aquele que conta a «história».

. **narrador – participante ou não participante; objectivo ou subjectivo**

- **narrador participante** - o narrador pode estar presente na acção como personagem principal ou secundária; neste caso, a narração é feita na primeira pessoa.

- **narrador não participante** - o narrador pode estar ausente e não desempenhar qualquer papel na acção; neste caso, a narração é feita na terceira pessoa.

- **narrador subjectivo** - o narrador pode ser parcial; narra os acontecimentos, declarando a sua posição)

- **narrador objectivo** - o narrador pode ser absolutamente imparcial; narra friamente os acontecimentos, sem tomar partido

2. Modos de apresentação

2.1. Narração - Apresentação de acções e acontecimentos reais ou imaginários. (predomina o substantivo)

2.2. Descrição - Apresentação das personagens, dos objectos, dos ambientes, etc. (Predomina o adjetivo)

2.3. Diálogo - Conversa entre personagens. Dá à «história» mais vivacidade e autenticidade. (O travessão)

2.4. Monólogo - A personagem «fala» consigo própria.

Texto Dramático (Teatral)

O **texto dramático**, criado pelo dramaturgo, tem como finalidade ser representado, ou seja, ser levado a cena, passando, assim, a **texto teatral**.

CATEGORIAS OU ELEMENTOS DO TEXTO DRAMÁTICO

(Acção, Personagens, Espaço, Tempo)

Acção

. Desenrolar dos acontecimentos, através do diálogo e da movimentação das personagens.

Estrutura da acção:

Interna:

Exposição - Apresentação das personagens e dos antecedentes da acção.

Conflito - Sucessão dos acontecimentos que constituem a acção teatral.

Desfecho - Desenlace da acção.

Externa:

Acto – é a grande divisão do texto dramático, que decorre num mesmo espaço.

Cena – geralmente, é quando há entrada ou saída de personagens.

Personagens

. Agentes da acção.

Principal ou protagonista — Desempenha o papel de maior importância.

Secundária — Desempenha papéis de menor relevo.

Figurante — Não desempenha qualquer papel específico, embora a sua presença física seja importante para a compreensão da acção.

Espaço

. Local onde decorre a acção. No texto teatral, corresponde ao espaço de representação.

Tempo

. Concentra-se num tempo presente e curto, embora possam ser referidos acontecimentos passados.

MODALIDADES DO TEXTO DRAMÁTICO

Discurso dramático - Texto principal constituído pelas «falas» das personagens, que podem apresentar-se sob a forma de diálogo, monólogo ou aparte.

Indicações cénicas ou didascálias - Texto secundário constituído pelas informações do autor sobre os gestos, a entoação, a movimentação das personagens, o cenário, o guarda-roupa, a luz e o som.

Texto Lírico

O texto lírico corresponde à **expressão do eu**, à sua revelação e aprofundamento, por isso transmite emoção, sentimentos, sensações, meditação, pensamento, intimidade.

O sujeito de enunciação é o “eu poético” e a realidade converte-se numa vivência interior, onde o eu (mundo interior) predomina sobre o mundo exterior, daí o relevo da subjectividade.

Estrutura externa e interna

Estrutura externa (o que vemos por fora)

Texto narrativo:

Título

Parágrafos

Capítulos

Texto dramático

Discurso narrativo (diálogo, didascálias ...)

Actos e cenas

Texto poético:

Título

Estrofes, rima e métrica

Estrutura interna (o que vemos por dentro)

Conteúdo do texto / Assunto

APET (acção, personagens, espaço e tempo)

Descrição

Momento de pausa da acção: descrever é representar.

Descrição: texto em que se fotografa, desenha, ou seja, onde se traçam as formas, as cores, as perspectivas, o como das coisas e a sua natureza.

A descrição é um texto em que se representa por meio de palavras locais, objectos, animais, pessoas, paisagens, ambientes, referindo-se elementos captados pelos sentidos.

A descrição pode aparecer isolada ou integrada no texto narrativo.

Uma boa descrição pressupõe as seguintes etapas:

-  **observar** atentamente;
-  **escolher/ seleccionar** os aspectos mais significativos;
-  **ordenar / organizar** os dados recolhidos;
-  **elaborar um texto** de um modo expressivo, sugestivo.

Vocabulário ou expressões:

- 1.º Plano – aqui, à minha beira, perto de mim...
- 2.º Plano – a seguir, mais afastado, pouco mais além, logo, depois...
- 3.º Plano – na linha do horizonte, ao longe, ao fundo, muito distante...

Resumo

Texto que apresenta as ideias ou factos essenciais desenvolvidos num outro texto, expondo-os de um modo abreviado e respeitando a ordem pela qual surgem no texto original.

Técnicas do Resumo:

-  conta apenas o essencial dos factos apresentados no texto;
-  segue a mesma ordem dos acontecimentos;
-  deve ser tão claro que o leitor capte perfeitamente a mensagem do resumo sem conhecer a versão original;
-  apenas utiliza o discurso indirecto (não utiliza discurso directo);
-  é um texto original (não tem transcrições / citações, nem deve imitar a escrita do texto a resumir)

Biografia e Autobiografia

Biografia

A biografia é um documento escrito que conta a vida de determinada personalidade, respeitando a ordem cronológica.

Na biografia devem constar datas, lugares, pessoas, acontecimentos marcantes da vida dessa personalidade.

É redigida na terceira pessoa e pode apresentar-se, quer como um relato meramente informativo, quer como uma narrativa em que se evidenciem e valorizem aspectos marcantes do percurso do biografado.

Pode ter formas muito distintas, que vão da simples e resumida nota biográfica ao livro, conforme o fim a que se destina.

Biografia

Apresentação da vida de alguém

Exemplo:

“Vergílio Ferreira nasceu a 28 de Janeiro de 1916 em Melo, concelho de Gouveia, na região da Serra da Estrela. Tinha cerca de cinco anos quando, primeiro o pai e pouco depois a mãe, acompanhada da filha mais velha, emigraram para os Estados Unidos. Grande parte da infância passou-a, pois, com os irmãos César e Judite, ao cuidado de duas tias e avós maternas. (...) Em 1954 veio a público *Manhã Submersa*, romance centrado na sua experiência do Seminário. Com base nesta obra, vinte e cinco anos mais tarde (1979) seria realizada, pelo cineasta Lauro António, uma série televisiva de quatro episódios (...) e o filme de longa-metragem *Manhã Submersa*, em que o próprio Vergílio Ferreira participará, desempenhando o papel de Reitor. (...) O conhecimento público do mérito da obra de Vergílio Ferreira manifesta-se na sucessão de prémios, homenagens, convites que, então, recebeu, dentro e fora de Portugal. (...) A 1 de Março de 1996 (...). Morreu (...) Está sepultado em Melo, “virado para a serra” como sempre desejou”.

Autobiografia

A autobiografia é uma biografia redigida pelo próprio. O autor narra, na primeira pessoa, acontecimentos que selecciona da sua própria vida, geralmente, para caracterizar a sua personalidade.

O relato biográfico tem, em geral, um carácter mais expressivo do que informativo.

Autobiografia

Apresentação da sua própria vida

Exemplo:

“Vejo o meu pai, no limite da minha infância, dobrar a porta do pátio, com um baú de folha na mão. Vejo-o de lado, e sem se voltar, eu estou dentro do pátio e não há, na minha memória, ninguém mais ao pé de mim. (...) Na instrução primária cumpri. (...) A vida que me coube não a pude utilizar toda. Numa fracção dela acumulei assim aquilo com que se realiza – o sonho, o trabalho, a alegria. (...) E eis que se me levantam os sete anos de Coimbra. Sombrios, longos, penosos. (...) Fui atropelado. Mas é talvez justo que o fosse. Porque eu não sou daqui. Maio, 1977”.

Vergílio Ferreira, in Fotobiografia

Bibliografia

Apresentação de livros

(Βιβλίος – livro)

(Βιβλία – livros)

PARTE 3 – Funcionamento da Língua

Relações entre palavras

Quanto ao seu significado

Antónimos – o significado contrário

Ex: bom = mau

Sinónimos – o mesmo significado

Ex: significado = sentido

Homónimos – o mesmo nome.

Palavras que se pronunciam e escrevem de igual forma, mas com significados diferentes.

Ex: canto (de uma sala) = canto (do futebol)

Homófonas – o mesmo som

Ex: conselho / concelho.

Homógrafas – a mesma grafia.

Palavras que se escrevem de forma idêntica, mas com pronúncia e significados diferentes.

Ex: Entre marido e mulher não se mete a colher. / Ele decidiu colher uma flor para lhe oferecer.

Parónimas – palavras parecidas.

Palavras que têm significados diferentes, mas com pronúncia e escrita muito semelhantes.

Ex: emigração, imigração; conjuntura, conjectura, evasão, invasão; cumprimento, comprimento.

Hiperónimo – o conjunto maior (o conjunto no seu todo)

Ex: animal > peixe; personagens > actor

Hipónimo – o conjunto menor (parte de um conjunto)

Ex: peixe < animal; actor < personagens

Quanto à sua apresentação

Sigla – a 1ª letra de cada palavra (soletrar cada letra). Ex: TMN

Acrónimo - a 1ª letra de cada palavra (lê-se como se fosse uma só palavra). Ex: ONU

Discurso Indirecto / Discurso Directo / Diálogo

Discurso Indirecto

O narrador transmite o conteúdo das intervenções ou reflexões das personagens, incorporando-as no seu próprio discurso, sem a preocupação de as reproduzir na sua forma original. A fala da personagem é integrada no discurso do narrador.

A fala da personagem é alterada pelo narrador atendendo à pessoa, aos tempos e modos verbais, aos advérbios, aos determinantes e aos pronomes.

Discurso Directo

O narrador reproduz, directa ou indirectamente, as palavras pronunciadas ou pensadas pelas personagens.

A reprodução da fala da personagem pode ser antecedida ou seguida de um verbo tipo *dizer, afirmar, declarar, perguntar, responder, exclamar, indagar, sugerir, concluir...* Na falta desse tipo de verbos, os sinais gráficos travessão, dois pontos, aspas ou mesmo a mudança de linha indicam tratar-se de falas de personagens.

Diálogo

Reprodução da fala das personagens, usando o discurso directo; tem por função fazer avançar rapidamente a acção (parte do texto em que a acção é mais rápida e avança); usa formas verbais e pronominais da linguagem oral; o emissor e o receptor estão relacionados por uma proximidade espacial e temporal.

Discurso Indirecto	Discurso Directo
Verbos: 3.ª pessoa Pretérito imperfeito Pretérito mais – que – perfeito Condicional Modo conjuntivo Advérbios: ali, lá, então, logo naquele dia, no dia anterior, no dia seguinte Determinantes ou Pronomes: aquele, aquilo seu Exemplo: Pedia-lhe às vezes que olhasse bem para ele, que olhasse bem e dissesse se aquele era o mesmo homem que ele tinha conhecido.	Verbos: 1.ª ou 2.ª pessoas Presente Pretérito perfeito Futuro Modo Imperativo Advérbios: aqui, cá, agora, já hoje, ontem, amanhã Determinantes ou Pronomes: este, esse, isto, isso meu, teu Exemplo: “- Olha bem para mim, - pede-me às vezes – olha bem e diz lá se este é o homem que tu conhecestes?” Manuel da Fonseca

Verbos: terminação

do Discurso Directo:	do Discurso Indirecto:
Presente	Pret. Imperfeito (-va; -ia)
Pretérito Perfeito	Pret. Mais que perfeito (-ra)

Vocabulário próprio

do Discurso Directo:	do Discurso Indirecto:
- Ora bolas!	Surpreendido, Aborrecido, Zangado
- Ai Jesus!	Aflito Surpreendido Assustado
- Credo!	Incrédulo Desanimado Desiludido Surpreendido

Exercícios práticos relativos ao discurso directo

Exemplo:

“- Olha bem para **mim**, - **pede**-me às vezes – olha bem e diz lá se **este** é o homem que tu conhecestes?”

Pedia-lhe às vezes **que** olhasse bem para **ele**, **que** olhasse bem e dissesse se **aquele** era o mesmo homem que ele tinha conhecido.

Pedia-lhe às vezes, **com** **agressividade**, **que** olhasse bem para **ele**, **que** olhasse bem e dissesse se **aquele** era o mesmo homem que ele tinha conhecido.

Pedia-lhe às vezes, **com** **simpatia**, **que** olhasse bem para **ele**, **que** olhasse bem e dissesse se **aquele** era o mesmo homem que ele tinha conhecido.

Exercício prático 1:

- A porteira? – Perguntou a Joana, ainda com cara de parva.
- Sim, a porteira, eu tinha-lhe pedido para fazer a comida durante esse tempo.
- Credo! - Exclamou a Joana. - Tu nem penses que eu vou dormir no quarto deste palerma, avô, tem dó! E essa história das refeições, ora, são uma pechincha.
- E tu dás sempre tantas ajudas todo ano. - Rematei eu.

A Joana, ainda com cara de parva, perguntou onde estava a porteira.

Ele respondeu que a porteira lhe tinha pedido que fizesse a comida durante aquele tempo.

A Joana, incrédula, exclamou dizendo ao avô que nem pensasse que ela ia dormir no quarto daquele palerma e pediu-lhe que tivesse dó. Acrescentou que aquela história das refeições era uma pechincha.

Ele rematou dizendo que ela ajudava sempre todo o ano.

Exercício prático 2:

- Então porquê, minha senhora? – Perguntou a Joaquina
- Ora! Estou desesperada, transtornou-se tudo: meu pai quer quebrar com ele. – Respondeu Amália.
- Com o senhor Duarte?
- Sim: pois com quem?
- Meu Deus! E as nossas cem moedas? – Inquiriu José Félix.

A Joaquina perguntou a Amália por que razão [é que teria que esperar tanto tempo para se casar].

Ela respondeu-lhe que estava desesperada e que tudo se transtornara, pois o seu pai queria romper com ele [com alguém]. Joaquina, curiosa, quis saber se seria com Duarte, o que lhe foi confirmado por Amália.

No seguimento da conversa [Entretanto], José Félix, aflito [preocupado], questionou-se sobre o destino das cem moedas.

Voz activa / Voz passiva

Voz activa	Voz passiva
O João comeu um rato	Um rato foi comido pelo João
Uma estrada liga o areal ao infinito .	O areal é ligado pela estrada ao infinito .
O ar tão carregado de salitre torna a boca pegajosa e amarga	A boca é tornada pegajosa e amarga pelo ar tão carregado de salitre
Eu pinto o pôr-do-sol à beira-mar .	O pôr-do-sol é pintado por mim à beira-mar .
O juiz leu-lhes a sentença.	A sentença foi-lhes lida pelo juiz

Análise sintáctica

“Cor Azul” – predicado

“Cor Laranja” – sujeito

“Cor Verde” – complemento directo

“Cor Castanho” – agente da passiva

“Cor Rosa” – complemento indirecto

“Cor Vermelho” – complemento determinativo

“Cor Azul-turquesa” – atributo (porque são adjectivos que qualificam)

“Cor Roxo” – complemento circunstancial de lugar

Regras

Voz activa	Voz passiva
sujeito	agente da passiva
complemento directo	sujeito
Verbo da voz activa (forma simples)	Verbo na voz passiva (forma composta)
Quando o verbo está no presente	O verbo auxiliar (ser) fica no presente
Quando o verbo está no pretérito perfeito	O verbo auxiliar (ser) fica no pretérito perfeito

Exercícios práticos

A luz **forma** uma estrada

Júlio e Julião **deitaram** tudo para o chão

O tio Jeremias **deixou** uma herança aos sobrinhos

Os sobrinhos **inventavam** intrigas, devido aos bens

Segurança **agrediu** um jovem.

Formação de Palavras

DERIVAÇÃO E COMPOSIÇÃO

Formação por derivação:

Palavras derivadas por **prefixação** e/ou por **sufixação**

Palavras derivadas por **prefixação**

In + feliz = infeliz

Prefixo + palavra primitiva = palavra derivada por prefixação

Palavras derivadas por **sufixação**

Feliz + zardo = felizardo

Palavra primitiva + **sufixo** = palavra derivada por sufixação

Palavras derivadas por **prefixação** e por **sufixação**

In + feliz + mente = infelizmente

Prefixo + palavra primitiva + **sufixo** = palavra derivada por prefixação e por sufixação

Formação por composição:

Palavras compostas por **justaposição** ou por **aglutinação**

Palavras compostas por **justaposição**

Obra-prima; **saca-rolhas**; **quarta-feira**...

Maisvalia; **malcriado**; ...

Palavras compostas por **aglutinação**

Pernalta (perna **alta**); planalto (plano **alto**); tragicomédia (trágico **comédia**)

Noções Básicas de Versificação

Versificação – a arte ou técnica de fazer versos

Versos - uma linha de um poema, com ou sem sentido completo

Estrofes ou Estância – conjuntos de versos, geralmente, com sentido completo

Rima – correspondência (igualdade ou semelhança) de sons, entre dois ou mais versos, verificada a partir da última vogal / sílaba tônica.

Metro ou Métrica – a medida do verso, ou seja, o número de sílabas métricas

Estrofes:

Nome da estrofe	N.º de versos	Nome da estrofe	N.º de versos
Dístico ou parelha	2	-	7
Terceto	3	Oitava	8
Quadra	4	-	9
Quintilha	5	Décima	10
Sextilha	6		

Rima:

Cruzada	rima alternada (verso sim, verso não)	abab
Emparelhada	rima consecutiva (dois ou mais versos consecutivos)	aabb
Interpolada	rima que permite deixar, entre estes versos, a existência de dois ou mais versos sem rima ou com rima diferente	abca
Encadeada	rima da palavra final de um verso com outra no interior do verso seguinte	ababc bcd c
Toante	correspondência de sons finais, produzido só pelas vogais	Ex. residu e divide
Consoante	correspondência de sons finais, produzido pelas vogais e consoantes	
Soltos ou brancos	quando não se obedece a qualquer tipo de rima	

Métrica:

As sílabas métricas correspondem aos sons apercebidos pelo ouvido, permitindo a contagem de sílabas ou escansão dos versos.

Regras para determinar o número de sílabas de um verso:

- . contar as sílabas métricas até à última sílaba tônica
- . quando surgem duas vogais juntas (vogal átona final e vogal átona ou tônica inicial, na mesma palavra ou uma no final de uma palavra e outra no início da seguinte), conta-se apenas uma sílaba métrica
- . contadas as sílabas, versos com:

5	pentassílabo (redondilha menor)	11	arte maior
7	heptassílabo (redondilha maior)	12	alexandrino
10	Decassílabos ou decassilábicos (medida nova, heróicos ou sáficos)		

PARTE 4 – Morfologia

MORFOLOGIA:

Morfologia: Estudo da forma de cada palavra (identificar as classes e subclasses das palavras).

Trabalha-se palavra a palavra

Classes de Palavras:

Todas as palavras que compõem as frases podem ser distribuídas por diversas classes.

Classe	Função	Exemplos
Substantivos ou Nomes	Designam pessoas, animais, coisas, acções, estados, qualidades, sentimentos	menino, livro, viagem, saúde, beleza...
Adjectivos	Exprimem uma qualidade, característica ou propriedade ao substantivo	birrento, belo, quente...
Verbos	Servem para exprimir acções, factos, qualidades ou estados	fiz, empresta, estarei...
Determinantes	Acompanham os substantivos e dão indicações sobre eles	o, a, os, as, um, uma, uns, umas, um, dois, primeiro, terceiro, cada
Pronomes	Empregam-se em vez dos nomes, evitando a sua repetição	este, aquele, isto, aquilo, eu, tu, me, nos, lhes, mim, ti, meu, nosso, quem, quanto, tudo, que
Advérbios	Empregam-se junto dos verbos e dos adjectivos para lhes modificar ou reforçar o significado ou exprimir circunstâncias	ali, abaixo, perto, dentro, assim, bem, mal, -mente, agora, ontem, logo, antes, muito, quase, tão, mais, não, nunca, sim, decerto
Preposições Locuções Preposicionais	Ligam entre si outras palavras da mesma oração	de, em, com, após, até, contra, desde, por, para, sem, sobre, sob, trás, ante, entre mas também, a não ser que, não só; à medida que
Conjunções Locuções Conjuncionais	Ligam orações, fazem conjuntos de frases	e, mas, ou, logo, pois, portanto, quando,, porque, se, como, que, para que, ainda que, de tal modo...que,
Interjeições Locuções interjectivas	É uma forma de revelarmos as nossas emoções	ah! oh! viva! cuidado! atenção! Olá! coragem! força! bravo!, uf! mau! ui! oxalá! irra! upa! socorro! Mil raios! Ai Jesus!

Nota: as locuções (adverbiais, preposicionais, conjuncionais e interjectivas) são sempre constituídas por mais do que uma palavra.

As conjunções “e”, “ou”, “mas” classificam-se assim:

“e” – conjunção coordenada copulativa (porque liga: O João e a Maria)

“ou” – conjunção coordenada disjuntiva (porque separa: O João ou a Maria)

“mas” – conjunção coordenada adversativa (porque marca uma oposição: o João vai, mas a Maria não)

Contracções:

As preposições simples **de** / **em** / **a** ficam alteradas quando se lhes junta o artigo definido **o** / **a**

“**Da**” - contracção Preposição simples “**de**”+ artigo definido “**a**”

“**No**” - contracção Preposição simples “**em**”+ artigo definido “**o**”

“**Ao**” - contracção Preposição simples “**a**”+ artigo definido “**o**”

“**à**” - contracção Preposição simples “**a**”+ artigo definido “**a**”

O Substantivo e o Adjectivo (Classes da Morfologia)

Substantivos - palavras variáveis que designam pessoas, animais, coisas, acções, estados, qualidades, sentimentos.

Adjectivos – palavras variáveis que exprime uma qualidade, característica ou propriedade ao substantivo. Concorde em género e em número com o substantivo a que se refere.

Subclasses de substantivos	Género	Número	Grau
Comuns (porque nomeiam sem individualizar)	Masculino	Singular	Normal
Próprios (porque individualizam)	Feminino	Plural	Aumentativo
Concretos (quando referem a algo do mundo físico)	Fixo		Diminutivo
Abstractos (quando não se referem a algo do mundo físico, mas sim acções, qualidades, estados, sentimentos)	(Biformes)		
Colectivos (porque designam no singular um conjunto)	(Uniformes)		

Flexão em Grau dos **Adjectivos**:

Normal		triste
Comparativo	De superioridade	Mais ... do que ...
	De inferioridade	Menos ... do que ...
	De igualdade	Tão ... como ...
Superlativo absoluto	Analítico	Muito ...
	Sintético	-íssimo (tristíssimo)
Superlativo relativo	De superioridade	A (o) mais ...
	De inferioridade	A (o) menos ...

Particularidades:

Grau normal	bom	mau	grande
Grau comparativo de superioridade	melhor	pior	maior
Grau superlativo absoluto sintético	ótimo	péssimo	máximo

Particularidades no superlativo absoluto sintético:

Amicíssimo, simplíssimo, antiquíssimo, difícilimo, paupérrimo, celebérrio, agradabilíssimo.

CASOS ESPECIAIS DE FLEXÃO EM GRAU DOS ADJECTIVOS

Completar espaços em branco:

NORMAL	COMPARATIVO	SUPERLATIVO
		óptimo / boníssimo
	Pior	/
Grande		/
		Supremo / altíssimo
	Menor	/
		Ínfimo / baixíssimo

NORMAL	SUPERLATIVO ABSOLUTO SINTÉTICO
Amável	
	Terribilíssimo
Miserável	
	Capacíssimo
Infeliz	
	Atrocíssimo
Amargo	
	Amicíssimo
Antigo	
	Cristianíssimo
Cruel	
	Dulcíssimo
Fiel	
	Frigidíssimo (friíssimo)
Nobre	
	Sapientíssimo
Sagrado	
	Simplicíssimo
	Acérrimo
	Celebérrimo
	Integérrimo / integríssimo
	Libérrimo
	Macérrimo / magríssimo
	Humílimo
	Facílimo
	Difícilimo
	Paupérrimo

Regras gerais:

- . terminados em -vel = bilíssimo
- . terminados em -az/-iz/-oz = císsimo
- . terminados em -ficus (benéfico) / -volus (benévolo) = entíssimo

Ficha de trabalho

Esta <u>palavra</u> é isto Esta <u>palavra</u> é uma <u>nuvem</u>, <u>mesa</u> aquela <u>palavra</u> é uma <u>pétala</u>, <u>cadeira</u> Esta <u>palavra</u> é um <u>cântaro</u>, <u>banco</u> aquela <u>palavra</u> é uma <u>chama</u>, <u>casa</u> Esta <u>palavra</u> é um <u>pássaro</u>, <u>cavalo</u> aquela <u>palavra</u> é um <u>peixe</u>, <u>carro</u> Esta <u>palavra</u> é um <u>rosto</u>, <u>computador</u> aquela <u>palavra</u> é uma <u>pedra</u>, <u>rosa</u> Esta <u>palavra</u> é um <u>sino</u>, <u>avião</u> aquela <u>palavra</u> é um <u>gesto</u>, <u>livro</u> Esta <u>palavra</u> é um <u>anjo</u>, <u>estojo</u> aquela <u>palavra</u> é um <u>segredo</u>, <u>burro</u> Esta <u>palavra</u> é isto, esta <u>palavra</u> é o que eu <u>quero</u>, coisa que <u>toco</u> e <u>registo</u>. João Pedro Mésseder	I 1. Sublinhar todos os <u>substantivos</u> dos <u>dísticos</u>. 2. Substituir os <u>substantivos</u> por outros (excepto <u>palavra</u>) 3. Leitura <u>expressiva</u>, <u>dialogada</u> e <u>gesticulada</u>. 4. Substituir <u>palavra</u> por outros <u>substantivos</u> 5. Concluir que <u>palavras</u> que se <u>podem substituir pertencem</u> à mesma <u>classe gramatical</u> 6. Leitura <u>expressiva</u> dos novos <u>poemas</u> II 1. Acrescentar dois <u>adjectivos</u> a cada <u>substantivo</u> 2. Reunir todos os <u>adjectivos atribuídos</u> a cada <u>substantivo</u> (Ex: <u>peixe</u> – <u>voador</u>, <u>sonhador</u>, <u>brilhante</u>, <u>macio</u>, <u>saboroso</u>, <u>sarapintado</u>) 3. Fazer uma <u>reescrita colectiva</u> do <u>poema</u> com os <u>melhores adjectivos</u> ou com os que <u>rimam</u> para cada <u>verso</u>. 4. Leitura <u>expressiva</u>.
--	--

Esta <u>palavra</u> é isto Esta <u>palavra</u> é uma <u>nuvem</u>, <u>erva</u> <u>linda</u> e <u>espessa</u> aquela <u>palavra</u> é uma <u>pétala</u>, <u>folha</u> <u>bonita</u> e <u>verde</u> Esta <u>palavra</u> é um <u>cântaro</u>, <u>frasco</u> <u>giro</u> e <u>brilhante</u> aquela <u>palavra</u> é uma <u>chama</u>, <u>bola</u> <u>redonda</u> e <u>suja</u> Esta <u>palavra</u> é um <u>pássaro</u>, <u>caracol</u> <u>ranhoso</u> e <u>feio</u> aquela <u>palavra</u> é um <u>peixe</u>, <u>macaco</u> <u>grande</u> e <u>castanho</u> Esta <u>palavra</u> é um <u>rosto</u>, <u>nariz</u> <u>pequeno</u> e <u>gordo</u> aquela <u>palavra</u> é uma <u>pedra</u>, <u>cara</u> <u>oval</u> e <u>lisa</u> Esta <u>palavra</u> é um <u>sino</u>, <u>barco</u> <u>espaçoso</u> e <u>largo</u> aquela <u>palavra</u> é um <u>gesto</u>, <u>beijo</u> <u>horroroso</u> e <u>estragado</u> Esta <u>palavra</u> é um <u>anjo</u>, <u>marinheiro</u> <u>triangular</u> e <u>riscado</u> aquela <u>palavra</u> é um <u>segredo</u>, <u>casaco</u> <u>esburacado</u> e <u>listado</u> Esta <u>palavra</u> é isto, <u>porta</u> <u>rectangular</u> e <u>resistente</u> esta <u>palavra</u> é o que eu <u>quero</u>, coisa que <u>toco</u> e <u>registo</u>. João Pedro Mésseder	I 1. Sublinhar todos os <u>substantivos</u> dos <u>dísticos</u>. 2. Substituir os <u>substantivos</u> por outros (excepto <u>palavra</u>) 3. Leitura <u>expressiva</u>, <u>dialogada</u> e <u>gesticulada</u>. 4. Concluir que <u>palavras</u> que se <u>podem substituir pertencem</u> à mesma <u>classe gramatical</u> 5. Leitura <u>expressiva</u> dos novos <u>poemas</u> II 1. Acrescentar dois <u>adjectivos</u> a cada <u>substantivo</u> final 2. Reunir todos os <u>adjectivos atribuídos</u> a cada <u>substantivo</u> (Ex: <u>peixe</u> – <u>voador</u>, <u>sonhador</u>, <u>brilhante</u>, <u>macio</u>, <u>saboroso</u>, <u>sarapintado</u>) 3. Fazer uma <u>reescrita colectiva</u> do <u>poema</u> com os <u>melhores adjectivos</u> ou com os que <u>rimam</u> para cada <u>verso</u>. 4. Leitura <u>expressiva</u>.
--	---

O VERBO

Verbos - palavras variáveis que servem para exprimir acções, qualidades ou estados.

Ex. Ela falou toda a noite. Como era bonita. Era já de noite.

FLEXÃO			
Tempos	Modos	Número	Pessoas
Presente	Indicativo	Singular	Primeira
Pretérito	Conjuntivo (que)	Plural	Segunda
Futuro	Imperativo		Terceira
	Condicional (se)		
	Infinitivo (tempo que consta nos dicionários. Ex: estudar)		

Modo Indicativo - o facto expresso pelo verbo é encarado como uma realidade.

Tempos:

Presente : estudo
Futuro : estudarei
Pretérito perfeito: estudei
imperfeito :estudava
mais - que- perfeito : estudara

Modo Conjuntivo - o facto expresso pelo verbo é encarado como uma dúvida ou um desejo.

Tempos:

Presente: estude
Pretérito imperfeito: estudasse
Futuro: estudar *

* Futuro do Conjuntivo

Se eu estudar	Se nós estudarmos
Se tu estudares	Se vós estudardes
Se ele estudar	Se eles estudarem

Modo Imperativo - o facto expresso pelo verbo é encarado como uma ordem, um conselho.

Estuda (tu) Estudai (vós)

Modo Condicional - o facto expresso pelo verbo é encarado como uma hipótese dependente de uma condição. Ex.: estudaria

Os **tempos compostos** formam-se com tempos simples do verbo auxiliar ter (ou haver) e o particípio passado do verbo principal. Ex.: tenho estudado (Pret. Perf. Composto).

Conjugação pronominal: quando há um pronome junto ao verbo; quando se coloca o pronome depois do verbo vem sempre ligado por um hífen. Ex.: se estuda; estuda-se.

Conjugação perifrástica: constituída por um verbo no infinitivo ou no gerúndio e um verbo auxiliar (ir, vir, andar, dever, deixar, estar, ter, haver, começar, acabar, continuar) no tempo em que se quer conjugar. Ex.: tenho de estudar; ando a estudar.

Verbos: terminação

FORMAS VERBAIS

MODO INDICATIVO

	1ª Conjugação - ar (and ar)	2ª Conjugação - er (bebe r)	3ª Conjugação - ir (ouv ir)
PRESENTE	- o - as - a - amos - ais - am	- o - es - e - emos - eis - em	- o - es - e - imos - is - em
PRETÉRITO PERFEITO	- ei - aste - ou - ámos - astes - aram	- i - este - eu - emos - estes - eram	- i - iste - iu - imos - istes - iram
PRETÉRITO IMPERFEITO	- ava - avas - ava - ávamos - áveis - avam	- ia - ias - ia - íamos - íeis - iam	
PRETÉRITO MAIS-QUE- -PERFEITO	- ara - aras - ara - áramos - áreis - aram	- era - eras - era - êramos - êreis - eram	- ira - iras - ira - íramos - íreis - iram
FUTURO	- arei - arás - ará - aremos - areis - arão	- erei - erás - erá - eremos - ereis - erão	- irei - irás - irá - iremos - ireis - irão

PARTE 5 – Sintaxe

SINTAXE

SINTAXE: Análise dos sintagmas, isto é, de conjuntos de palavras. (Trabalham-se grupos de palavras)

Como proceder à análise sintáctica, isto é, de conjuntos de palavras:

- 1.º encontrar o **Predicado** (geralmente é só o verbo*);
- 2.º agrupar as palavras;
- 3.º classificar os grupos/sintagmas, respondendo a perguntas feitas ao verbo.

*não é só o verbo quando este é copulativo (cf ficha NPS)

Perguntas e Respostas:

Quem? – **Sujeito**

O quê? – **Complemento directo**

A quem? – Complemento indirecto

De quê? – **Complemento determinativo**

Complementos circunstanciais:

Onde? – c. c. de lugar

Quando? – c. c. de tempo

Como? – c. c. de modo

Com quem? – c.c. de companhia

Para quê? – c.c. de fim

Porquê? – c.c. de causa

Outras funções

Aposto – surge sempre entre vírgulas e serve para atribuir características

O Rodrigo, **aluno do colégio Novo da Maia**, é bom rapaz.

Atributo - surge sempre entre vírgulas, mas contém adjetivos, e serve para atribuir características

As respostas, **vagas e insuficientes**, não-de surgir.

Vocativo – surge com uma só vírgula e serve para chamar ou dar ordens.

Rodrigo, concentra-te no estudo.

Agente da passiva – surge quando a frase está na voz passiva (tempo composto) e responde à pergunta “Por quem”?

O livro foi lido por todos os alunos.

O rato foi comido pelo gato.

Exercícios de aplicação:

“Lá fora havia **gelo**, **vento**, **neve**”

“O cozinheiro **amassava** os bolos de mel **e** trigo”

“O vento do Outono **despia** os arvoredos”

1. Analisar morfologicamente os vocábulos sublinhados

2. Observar o exemplo da análise sintáctica relativa às frases:

- 2.1. “O vento do Outono despia os arvoredos”
 “despia” – predicado
 “O vento” – Quem? – Sujeito
 “do Outono” – De quê? – Complemento determinativo
 “os arvoredos” - O quê? – Complemento directo
- 2.2. “O cozinheiro amassava os bolos de mel e trigo”
 “amassava” – predicado
 “O cozinheiro” - Quem? – Sujeito
 “os bolos” - O quê? – Complemento directo
 “de mel e trigo” - De quê? – Complemento determinativo

3. Fazer a análise sintáctica das três frases:

- 3.1. “Lá fora havia gelo, vento, neve”
 3.2. O João comeu um rato de chocolate, ontem à tarde, na praia.

NPS

Nome Predicativo do sujeito

Eu **permaneço sentado** na aula

“eu” – sujeito

“**permaneço sentado**” – predicado

“**sentado**” – nome predicativo do sujeito

Existindo uma **revelação de estado ou modo**, com os verbos **SER / ESTAR / PERMANECER / FICAR** estamos perante o **NPS**.

Neste caso, o Predicado não é só o verbo, mas é o Verbo e o NPS.

“na aula” – complemento circunstancial de lugar

Eu permaneço na aula

“eu” – sujeito

“permaneço” – predicado

“na aula” – complemento circunstancial de lugar

O João **é bom rapaz**, na sala de aula.

“O João” – sujeito

“**é bom rapaz**” – predicado

“**bom rapaz**” - **NPS**

“na sala de aula” - complemento circunstancial de lugar

O João foi estudante na ESCM

O João é elegante e cabeludo.

O João está quieto e mudo.

O João ficou doente e nervoso.

O João ficou em Lisboa

O João come sopa

O João estuda português

O João estuda sentado

O João ficou sentado

ELEMENTOS DA ORAÇÃO

A) Elementos essenciais

1) Sujeito

- a) Simples – Ele foi passear/ Eles foram passear.
- b) Composto – O João e a Maria foram passear.
- c) Subentendido ou omisso – Quem chegou?
- d) Indeterminado – Fala-se muito da guerra nuclear.
- e) Sujeito inexistente (verbo impessoal) – oração sem sujeito – Ontem choveu.

2) Predicado

- a) Predicado verbal – núcleo – verbo significativo; contém uma ideia.
Verbos significativos:
 - Transitivos - Directos – exigem C. D.
 - Indirectos – exigem C.I.
 - Directos/ Indirectos – exigem C.D/C.I.
 - Intransitivos – contêm integralmente o conteúdo da acção; não necessitam de C.D. nem de C.I. para lhes completar o sentido.
- b) Predicado nominal – núcleo – verbo copulativo – ser, estar, ficar, continuar, parecer, permanecer.
Ex: A noite ficou bela.
Predicativo do sujeito

B) Outros elementos da oração

1) Complementos do verbo

- a) Complemento directo – Ex. A Catarina lavou os dentes.
- b) Complemento indirecto – Ex. O Manuel telefonou à mãe.
- c) Predicativo do sujeito – Ex. A Maria é simpática.
Caracteriza o sujeito e completa o sentido do verbo.
- d) Predicativo do complemento directo – A Rita considera o José inteligente.
- e) Agente da passiva – Ex. O cão foi atropelado pelo automóvel.
Existe na voz passiva e designa aquele que pratica a acção sofrida pelo sujeito.

2) Complementos circunstanciais:

- a) **de lugar** – ex. Ela colheu flores no jardim.
- b) **de tempo** – ex. Não dormi durante a noite.
- c) **de causa** – ex. coraram de vergonha.
- d) **de modo** – ex. Ela falava furiosamente.
- e) **de fim** – ex. Tomei um xarope para curar a gripe.
- f) **de meio** – ex. Viajei de comboio.
- g) **de companhia** – ex. O Manuel saiu com o Gonçalo.
- h) **de dúvida** – ex. Talvez vá ao cinema.
- i) **de instrumento** – ex. Cortei o papel com uma tesoura.

3) Complementos do nome:

- a) Atributo – ex. Aquele filme policial entusiasmou-me.
- b) Aposto – ex. Este carro, uma verdadeira máquina, consome muito.
- c) Complemento determinativo (ou de nome) – ex. O livro do João é novo. Determina posse, parentesco, matéria, etc. e é regido pela preposição «de».
- d) Vocativo – ex. Ó Leonor, não caias! (Emprega-se para chamar ou invocar um ser ou coisa personificada).

Exercícios de aplicação

Frases para análise sintáctica

1- “As paredes violetas insinuavam em pleno dia um tom crepuscular”.

“Insinuavam” - predicado

“As paredes violetas” – sujeito

“Em pleno dia” – complemento circunstancial de tempo

“um tom crepuscular” – complemento directo

2- O imperador e os seus soldados moravam no palácio imperial dos Han.

“Moravam” - predicado

“O imperador e os seus soldados” – sujeito

“no palácio imperial” - complemento circunstancial de lugar

“dos Han” - complemento determinativo

3- Na semana passada, o professor deu a análise sintáctica aos seus alunos.

“Deu” – predicado

“o professor” – Sujeito

“a análise sintáctica” – complemento directo

“aos seus alunos” – complemento indirecto

“Na semana passada” - Complemento circunstancial de tempo

Sujeito simples, composto e subentendido

“As paredes violetas” - sujeito simples

“O imperador e os seus soldados” – sujeito composto

“o professor” – sujeito simples

O professor José Nuno e a professora Maria do Carmo – sujeito composto

Os professores – sujeito simples

Vieram para a escola – sujeito subentendido (eles)

Frases para análise sintáctica

1- Os professores vieram para a escola de carro.

“Vieram” - predicado

“Os professores” - sujeito simples

“para a escola” - complemento circunstancial de lugar

“de carro” - complemento circunstancial de modo

2- O meu pai e a minha mãe comeram a sopa toda.

“Comeram” – predicado

“O meu pai e a minha mãe” - sujeito composto

“a sopa toda” - complemento directo

3- O meu encarregado de educação deu-me um rebuçado.

“deu-me um rebuçado” - predicado

“O meu encarregado de educação” - sujeito simples

“um rebuçado” - complemento directo

“me” - complemento indirecto

Frases para análise sintáctica

1 - O Pedro foi a uma festa com a Rita, à noite, na Maia.

2 - Os encarregados de educação foram a uma reunião com o director de turma na escola.

3 - O João e a Márcia levaram um procedimento disciplinar.

Análise Morfológica e Sintáctica

Analise morfológicamente os vocábulos sublinhados nas frases que se seguem e proceda à análise das mesmas frases.

1. Os dedos grandes alisam as páginas do pequeno livro.
2. Nós pousamos o nosso amigo livro sobre os joelhos.
3. Ontem, o João meteu à boca uma faca afiada.
4. O João deu uma bofetada ao Joaquim, numa esplanada agradável.
5. O cozinheiro amassava os bolos de mel e trigo, com as mãos.
6. O João foi com a Maria ao cinema.

PARTE 6 – Frase simples e composta / complexa

Frase Simples e Composta

Coordenação e Subordinação

Uma **frase simples**:

O João comeu um rato (1 só verbo = oração simples = 1 oração)

Uma **frase composta ou complexa**:

O João comeu um rato **e** sentiu-se mal (2 verbos = 2 orações)

- **2 orações: coordenadas copulativas**

O João comeu um rato, **porque** tinha fome (2 verbos = 2 orações)

- 2 orações: uma subordinante; outra subordinada.

Orações complexas: uma ou mais orações / frases ligadas entre si.

As orações ligam-se por partículas de ligação: conjunções coordenativas e/ou subordinativas; pronomes e/ou advérbios relativos, interrogativos, ...

Orações Coordenadas: não dependem uma(s) da outra(s)

Orações complexas – coordenação

O João **comeu** um rato / **e** depois **morreu** - oração complexa; or. Principal + or. Coordenada **copulativa**

O João **comeu** um rato / **mas** depois **morreu** - oração complexa; or. Principal + or. Coordenada **adversativa**

O João **comeu** um rato / **ou** **engoliu** um sapo - oração complexa; or. Principal + or. Coordenada **disjuntiva**

Orações Subordinadas: dependem gramaticalmente, directa ou indirectamente, da subordinante.

Orações complexas – subordinação

O João **comeu** um rato / **quando** lhe apeteceu. - oração complexa; or. Subordinante + or. Subordinada **temporal**

O João **comeu** um rato / **porque** lhe apeteceu. - oração complexa; or. Subordinante + or. Subordinada **causal**

Ligação das orações:

- por coordenação

ligadas ou introduzidas por uma das conjunções coordenadas ou locuções conjuncionais coordenativas – copulativas, adversativas, disjuntivas, explicativas

- por subordinação

ligadas ou introduzidas por uma das conjunções subordinadas ou locuções conjuncionais subordinativas – condicionais, causais, finais, concessivas, consecutivas, comparativas, temporais, integrantes, relativas, interrogativas indirectas, infinitivas, participiais, gerundivas.

Orações Coordenadas

Orações Coordenadas: ligadas por conjunções ou locuções coordenativas.

Coordenadas:	Copulativas Adversativas Disjuntivas Conclusivas Explicativas	(e, não só ... mas também) (mas) (ou) (... logo é) (pois)	conj./locução coord. Copulativa conj./locução coord. Adversativa conj./locução coord. Disjuntiva conj./locução coord. Conclusiva conj./locução coord. Explicativa
---------------------	---	---	---

Orações Subordinadas

Orações Subordinadas: ligadas por conjunções, ou locuções subordinativas ou pronomes (dependem das subordinantes / principais).

Subordinadas:	Condicionais Causais Finais Concessivas Consecutivas Comparativas Temporais Integrantes Relativas Interrogativas indirectas Infinitivas Participiais Gerundivas	(se) (porque) (para) (ainda que, embora) (de tal modo que) (como) (quando, logo que) (que = C.Directo) (que = Pron. Relativo) (não sei quantas são) (ele julgava ser eu) (acabada a guerra) (estando...)	conj./loc. subord. Condicional conj./loc. subord. Causal conj./loc. subord. Final conj./loc. subord. Concessiva conj./loc. subord. Consecutiva conj./loc. subord. Comparativa conj./loc. subord. Temporal conj./loc. subord. Integrante pronome/advérbio relativo uso de pergunta indirecta forma verbal no infinitivo forma verbal no participio forma verbal no gerúndio
----------------------	---	--	--

Frase Complexa

1. Coordenação (orações coordenadas)

1.1. adversativas – ideia de oposição.

Ex: Gosto de cinema, mas prefiro o teatro.

1.2. copulativas – ideia de adição.

Ex: O João entrou na livraria e comprou um livro.

1.3. disjuntivas – ideia de alternativa.

Ex: Vou ao cinema ou ao teatro.

1.4. conclusivas – ideia de conclusão.

Ex: O autocarro teve uma avaria, portanto atrasou-se.

1.5. explicativas – ideia de explicação.

Ex: O barco atrasou-se, pois estava nevoeiro.

2. Subordinação (orações subordinadas)

2.1. Com conjunções / locuções ou pronomes:

2.1.1. relativas

- restritivas
- explicativas

2.1.2. integrantes ou completivas (completam o sentido da frase)

2.1.3. adverbiais ou circunstanciais

- causais
- temporais
- finais
- concessivas
- condicionais
- comparativas
- consecutivas

2.2. Sem conjunções ou pronomes:

2.2.1. infinitivas

2.2.2. gerundivas

2.2.3. participiais

Classificação das Orações Subordinadas:

1. Orações subordinadas relativas:

Relativas adjectivas:

- restritivas: têm função de atributo.

Ex: As crianças que estavam doentes perderam o apetite.

- explicativas: têm a função de aposto e aparecem sempre entre vírgulas.

Ex: O meu pai, que é bom nadador, ensinou-me a nadar.

Obs: estas orações podem ser suprimidas sem que a frase perca o seu sentido.

Relativas substantivas: quando a oração pode desempenhar as diversas funções do nome, isto é, quando o antecedente não existe, a oração deixa de ser adjectiva e passa a ser substantiva. Eis algumas das funções do nome:

- sujeito – Ex: Quem partiu o vidro, acusou-se.
- predicativo do sujeito. Ex: Eu não sou quem imaginas.
- complemento directo. Ex: ama quem te ama.

2. Orações subordinadas integrantes ou completivas

(normalmente introduzidas pela conjunção subordinada integrante “que”)

Ex: Sinto que a tempestade se aproxima



Oração subordinada completiva

(Tem a função de complemento directo)



Ex: Sinto a aproximação da tempestade



Análise sintáctica

“Sinto” – predicado; “a aproximação da tempestade” – complemento directo

3. Orações subordinadas adverbiais ou circunstanciais

- causais – desempenha na frase uma função equivalente a um c. c. de causa
- temporais – desempenha na frase a função de um c. c. de tempo
- finais – desempenha na frase a função de c. c. de fim
- concessivas – exprime concessão; a acção enunciada na oração principal concretiza-se, mas com contrariedade.
- condicionais – exprime uma condição
- comparativas – exprime uma comparação em quantidade ou qualidade
- consecutivas – exprime uma consequência

4. Orações subordinadas infinitivas, gerundivas e participiais:

- infinitivas – verbo no infinito e podem exprimir:

- circunstâncias temporais

Ex: Antes de partir, vou visitar-vos.

- circunstâncias finais

Ex: Para o distrair, fomos ao cinema.



objectivo / finalidade

- gerundivas – verbo no gerúndio e podem exprimir:

- circunstâncias temporais

Ex: Tendo terminado o concerto, o público aplaudiu.

- circunstâncias temporais / causais

Ex: Aproximando-se a partida, ele ficou triste.

- participiais – verbo no participípio e podem exprimir:

- circunstâncias temporais

Ex: Feitas as apresentações, sentaram-se à mesa.

Ficha de trabalho: conjunções subordinativas

1. Frases com atrelado

- A. Precisa de dormir, pelo menos, nove horas...
- B. Tenho de escolher alguns formandos para este trabalho...
- C. Desde que os devolva no prazo de quinze dias...
- D. Não me importo de pagar o conserto da máquina...
- E. Eu tomei tão bem conta das crianças...
- F. A fim de que a empresa lhe possa dar um cargo mais elevado...
- G. Vai-te embora daqui...
- H. Embora o cão tenha um aspecto ameaçador...
- I. Não faltei um único dia...
- J. O polícia multou o meu tio...

- 1... pode requisitar esses livros na biblioteca.
- 2... porque tinha estacionado o carro numa rampa.
- 3... a menos que se ofereçam voluntários.
- 4... o Silva anda a tirar um curso de informática.
- 5... que não tens nada a ver com isto.
- 6... é completamente inofensivo.
- 7... se bem que a culpa não tenha sido minha.
- 8... que me querem contratar.
- 9... para que ele se sinta bem disposto, de manhã.
- 10... desde que comecei a frequentar este curso.

Actividades:

- . associar a letra ao número, de modo a completar o sentido.
- . assinalar as conjunções / locuções conjuncionais presentes nas frases
- . a subordinação - orações subordinantes e subordinadas
- . levantamento das classes de palavras nas frases

Ficha de trabalho: a coordenação

A COORDENAÇÃO

1. Forma com os grupos de frases simples abaixo apresentados, frases complexas por coordenação.

a) Em. Speranza chove. Em Speranza faz sol. (coordenação disjuntiva)

b) Ele obedece ao amo. Ele não entende as suas leis. (coordenação adversativa)

c) Uma pedra rolou. Robinson recuou. (coordenação copulativa)

d) Tudo lhe era estranho. Não deu certo. (coordenação conclusiva).

2. Copia as frases seguintes no teu caderno e:

2.1. sublinha a(s) frase(s) de uma só oração.

2.2. divide e classifica as orações das frases complexas.

a) Ao fim da tarde de 29 de Setembro de 1759, o céu obscureceu-se de repente na região do arquipélago Juan Fernandez.

b) Não havia vestígios de qualquer habitação, portanto estava numa ilha deserta.

c) As árvores choram, os rochedos choram, as nuvens choram e eu choro com elas.

d) Ora explorava a ilha, ora conversava com Sexta-feira, contudo não era feliz.

e) Não era um malmequer, mas era sim uma borboleta.

f) Sexta-feira saiu do abrigo e expôs-se à chuva.

g) Descobriu a entrada na gruta, porém só deu alguns passos dentro dela.

h) Lúcia queria gritar, no entanto o grito estava preso no seu pescoço.

i) O homem inclinou-se, tirou-lhe do pé o sapato de brilhantes e calçou-lhe o sapato de farrapos.

j) Robinson cobria-se dos pés à cabeça, punha um chapéu e nunca esquecia o grande guarda-sol de pele de cabra.

3. Completa as frases que se seguem com as orações indicadas entre parêntesis.

a) A vida seguia o seu curso _____. (adversativa)

b) Voltava depois para junto da fogueira _____. (copulativa)

c) Não havia vestígios de qualquer habitação _____. (conclusiva)

d) Ora aparecia um bode entre os rochedos _____. (disjuntiva).

PARTE 7 – Leitura

Os Direitos Inalienáveis do Leitor



- 1 O direito de não ler
- 2 O direito de saltar páginas
- 3 O direito de não acabar um livro
- 4 O direito de reler
- 5 O direito de ler não importa o quê
- 6 O direito de amar os *heróis* dos romances
- 7 O direito de ler não importa onde
- 8 O direito de saltar de livro em livro
- 9 O direito de ler em voz alta
- 10 O direito de não falar do que se leu

Verbos em Testes

Verbos utilizados em questionários:

Justifica (que) Fundamenta (e) Argumenta (e) Prova (e) Demonstra (e) Descreve (e)	Aponta (e) Indica (que) Identifica (que) Menciona (e) Assinala (e) Refere (refira) Regista (e)	Transcreve (a) Retira (e) Copia (e) Extrai (Extraia) Cita (e)	Apresenta (e) Analisa (e) Caracteriza (e) Classifica (que) Defina (e) Enuncia (e) Expõe (Exponha) Explica (que) Interpreta (e)	Resume (a) Sintetiza (e) Simplifica (que)
Exige uma resposta média	Exige uma resposta curta	Exige uma resposta com aspas	Exige uma resposta longa	Exige como resposta 1/3 do texto

Avalia (e) = determinar o valor, apreciar, julgar

Crítica (que) / **Comenta** (e) = dar uma opinião, apreciar / julgar com fundamento, argumento, justificação

Compara (e) / **relaciona** (e) = dizer quais são as semelhanças e / ou diferenças

Distingue (ga) = procurar as diferenças

Faz (faça) **a correspondência** = ligar, do modo mais indicado, diferentes elementos

Executa (e) = fazer, realizar

Enumera (e) / **Ordena** (e) = indicar os dados ou elementos de acordo com uma certa ordem.

Esquematiza (e) = fazer um esquema

Planifica (que) = fazer um plano, indicar as tarefas

Redige (ja) = escrever

Reconta (e) = contar por palavras nossas, tornar a contar

Selecciona (e) = escolher entre os elementos

Substitui (ua) = colocar uma coisa no lugar de outra

Considera (e) = ter em conta

Observa (e) = reparar em todos os pormenores

Textos

Texto 1 - O Explicador da Isabel

Actividades: Divisão do texto em três partes lógicas e referir assunto de cada uma delas.

Às quatro da tarde, quando ela voltava do colégio, encontravam-se junto do velho carvalho.

Ele encarrapitava-se no ombro dela e assim davam grandes passeios pelo jardim. Se aparecia alguém, Isabel escondia-o no bolso ou no cesto que trazia sempre cheio de flores.

Ele ensinava-lhe muitas coisas.

- Tu não tens livros e nunca estiveste num colégio nem numa universidade, como é que sabes tantas coisas? – perguntou-lhe ela um dia.

- Bem – respondeu ele – nós, os anões, vivemos quinhentos anos e assim temos tempo de ver muito, ouvir muito, pensar muito. E temos uma grande memória. Quando somos novos, os velhos anões contam-nos tudo quanto viram, durante os cinco séculos da sua vida. E também nos contam tudo quanto os pais deles lhes ensinaram. Ora um anão que ouve uma coisa fica a sabê-la de cor para sempre. É por isso que eu te posso contar histórias que se passaram há mais de mil anos. Além disso viajamos muito.

- Como é que podes viajar com umas pernas tão pequenas? – perguntou Isabel.

- Viajamos pelo mundo todo a cavalo nos pássaros. Nós somos grandes amigos dos pássaros. E quando eles na Primavera e no Outono emigram em bandos levam-nos com eles sempre que nós temos vontade de mudar de sítio ou de ir ver o mundo. Eu já estive na Pérsia, no Pólo Norte e na Índia e fui com uma cegonha branca desde a Alsácia até ao Norte de África. É por isso que sei todas as línguas da terra, as dos homens e as dos animais. Sei conversar com um turco e sei conversar com uma perdiz.

Isabel, maravilhada, ouvia.

O anão contava-lhe histórias do passado, histórias de moiros, guerreiros, navegadores, princesas e reis antigos. Depois falava dos países distantes: descrevia as caravanas de camelos que atravessavam lentamente o grande deserto do Sara e descrevia os Esquimós que vivem no Pólo Norte em casas feitas de gelo.

Mas havia uma coisa que o anão nunca lhe contava: era a sua própria vida. Em vão ela lhe perguntava porque é que ele vivia sozinho naquela quinta, longe de todos os outros anões.

- Por enquanto não te posso responder – dizia ele. – Primeiro preciso de te conhecer melhor para saber se mereces que eu te conte a minha história. (...)

Nesse Inverno, quando tinha muito que estudar, Isabel ia ao jardim, enchia o seu cesto de violetas e camélias e trazia o anão para casa escondido entre as flores.

Pois tinham combinado um com o outro que ela não contaria a ninguém que conhecia um anão.

Ele sentava-se no dicionário de francês, em cima da mesa de estudo, e ia explicando a Isabel as suas lições.

Era um grande explicador.

Com ele, Isabel depressa compreendeu que a história, as ciências naturais, a geografia e a matemática eram coisas muito divertidas. Mas a grande especialidade do anão era a matemática. Ele resolvia todos os problemas e fazia contas de cabeça num segundo.

Isabel perguntava:

- Quanto é 563 vezes 432?

E o anão respondia imediatamente:

- 243 216.

E assim passou um ano. Passaram o Inverno, a Primavera e o Verão e voltou o Outono.

E numa tarde de Outono o anão disse a Isabel:

- Amanhã é Domingo e faz um ano que nos conhecemos. Agora já sei que posso ter confiança em ti. Por isso amanhã vou contar-te a minha história. Logo que acabares de almoçar, vem ter comigo, ao lago do parque.

E assim foi. No dia seguinte à hora marcada Isabel estava no lugar combinado.

Sophia de Mello Breyner Andresen, *A Floresta*

Texto 2 - Maneiras de Ser Menino

Actividades: Leitura expressiva do texto (um leitor por parágrafo).

Meninos da rua. Bulhentos, sujos, execrados. Escorregam nas escadinhas do bairro em tábuas roubadas a vedações, pondo à roda a cabeça das vizinhas velhas. Urinam nos portais. Viram caixotes do lixo. Vendem pentes. São presos às vezes.

Meninos da serra. Acanhados, desconfiados, lentos. Têm dez, têm doze irmãos. Não gostam de doces. Estudam na escola a nascente e a foz dos rios, e nunca viram o mar.

Meninos pastores. Solitários. Sabem histórias medonhas de lobos e de bruxas. Guiam-se pelo Sol. Guardam no bolso o Universo num ovo de pisco, num seixo vidrento, num saltão todo verde.

Meninos filhos de pescadores. Olhos de alga, corpo de onda, voz de vento. Embalados em canastras ou ao colo de velhas redes, seus sonhos cabem num barco. E como nada os espanta e nada os amedronta, nem chegam a ter infância.

Meninos ciganos. Nascidos e criados à borda dos caminhos. Alimentam-se de bagas silvestres e de rábanos como cavalos. De pele cor da terra, têm gestos fugidios de cobra e olhos de noite e de mistério. E a sua alma é antiga como a própria raça.

Meninos homens e mulheres, cansados de ter crescido e de nada saber. Meninos nós todos, obstinados no jogo da vida e nunca a ela afeitos. Cada qual erguendo alto o seu balão de orgulho ou de esperança, encadeia os passos nos passos dos mais, seguindo juntos e sós.

Poetas doidinhos e sábios. **Meninos** perfeitos porque sempre meninos. Nunca procuraram nada nem imitaram ninguém. Mas todos os dias se vestem de gala e de assombro, como se todos os dias fossem morrer.

Maria Ondina Braga, *A revolta das Palavras*

Texto 3 – Como se faz para conhecer um livro?

Actividades: Divisão do texto em três partes lógicas; elaborar tópicos porá reconto oral.

Como se faz para conhecer um livro? Não é difícil.

Quando, numa biblioteca, numa livraria, em casa de um amigo, o livro (este livro, outro livro...) nos chama a atenção, pegamos nele, abrimo-lo devagar e, com ele poisado sobre a palma da mão esquerda, folheamo-lo muito naturalmente com a mão direita. Parece que é assim que se faz, não é?

Os dedos, as costas da mão, que lhe alisam as páginas e, num voo leve, os olhos, que correm pelo formigueiro das linhas e poisam numa palavra aqui, numa frase além, e seguem adiante – os dedos, as costas da mão e os olhos, neste primeiro relance, estudam o livro por dentro.

Fazem-se as apresentações.

- Eu sou o livro – diz o livro que é de poucas falas, porque gosta mais de dizer as coisas por escrito.

- E eu sou o leitor, ou melhor, talvez seja o leitor – dizemos nós.

Folhear **um livro é espreitar para dentro de uma caixinha sem chave**, uma caixinha ao alcance das mãos e dos olhos. Não há segredos.

- Que tens tu guardado para me dar? – perguntamos nós ao livro.

Aí o livro conta, não pára de contar o que dentro dele tem guardado para nós. Se, entretanto, nos sentamos numa cadeira, de preferência de braços, por ser mais cómoda, e poisamos o nosso amigo livro sobre os joelhos, esta conversa, que começou por ser **hesitante e prudente**, vai, quase de certeza, demorar que tempos, o tempo de lermos o livro do princípio ao fim ou de fio a pavio, como também se costuma dizer.

«De fio a pavio» **é uma expressão singular**. Lembra-nos a vela que, acesa, muito trémula, resiste ao escuro à sua volta. A vela acaba por extinguir-se, apagar-se, quando não há mais pavio, mas o livro, esse não! Terminado, fechado, o livro que nos deu prazer, fica-nos na memória, **resiste ao esquecimento, ilumina ainda**.

António Torrado, *O Manequim e o Rouxinol*

Texto 4 – Para que serve aprender a ler?

Actividades: Leitura, reconto oral e explicação de expressões por palavras próprias.

Nos primeiros dias de aulas do passado ano lectivo, uma professora da Escola Primária n.º 2 da Buraca perguntou a uma turma da primeira classe para que servia aprender a ler. Apenas duas crianças responderam: uma disse que era **para etiquetar os objectos**; outra, que servia para ler os avisos da polícia que chegavam a casa.

O caso foi (...) apresentado pela psicóloga Margarida Martins e pela professora Manuela Neves no 5.º Colóquio de Psicologia e Educação, (...) em Lisboa. A experiência da Primária n.º 2 da Buraca, escola de elevado absentismo e abandono escolar, confirmou o processo difícil e penoso que é a aprendizagem da leitura nos meios mais desfavorecidos. «Para a maioria das crianças, aprender a ler não serve para nada. Se o fazem, é porque a escola quer», salientou Margarida Alves Martins.

O passo seguinte foi **desenvolver as estratégias para criar nas crianças o interesse pelas letras**. Pediram-lhes que levassem de casa objectos onde aparecesse a escrita. Primeiro, apareceu uma revista «Corin Tellado»; depois, e a pedido da professora, foram as embalagens dos mais diversos produtos. «Não pode haver um corte radical entre as crianças e o meio. Do ponto de vista afectivo, foi fundamental trazerem coisas de casa», salientou Manuela Neves. O documento elaborado pela equipa da experiência dá também especial importância **às actividades lúdicas ligadas à leitura**, como os jogos de palavras, e à valorização do trabalho dos alunos.

As famílias, que nunca foram à escola, leram livros e trabalhos às crianças, que os levavam para casa. Senão, era a vizinha que no fim de lavar a roupa lia o que era preciso.

Na escola, tinham também o «atelier» de escrita, onde escreviam todas ao mesmo tempo, solicitando ajuda à professora quando era preciso. **«Para aprenderem a ler, é necessário que as crianças escrevam muito e sem medo do erro»**, explicaram as autoras do trabalho.

Ana Henriques, *Jornal Público*.

Texto 5 – A Ribeira

Actividades: Descrição



O cenário é dos mais pitorescos que os meus olhos viram: a Ribeira, ou a Ribeira Velha, creio que lhe chamam. É um cais sobre o Douro, perto da ponte de D. Luís. Todo o aspecto em redor é pesado e amontoado, conforme o carácter da cidade. Desde aquele cais a cidade sobe sempre em todas as direcções até à torre dos Clérigos. Na outra margem a ascensão iguala-se à de cá, de modo que o rio parece ter metido pelo mais alto de um monte que ficou dividido. Tudo isto faz com que o cais nos dê a estúpida impressão de estar enterrado.

Lembro-me de umas interessantíssimas casas cujos alicerces se adivinham por causa da solidez com que as suas fachadas intimam os nossos olhos. Julgo serem vermelhas ou foi a impressão violenta da cor que me deixaram. Do que bem me lembro é dos arcos em vez de portas e de umas janelas que pareciam desviadas dos seus respectivos lugares. Os arcos abriam umas lojas não sei de quê, pois fixei apenas os seus fundos negros, os mais negros e mais fundos que tenho conhecido.

Pondo por cima disto tudo uma camada de antiguidade cor de ardósia e de ferrugem, de nevoeiro fabril e de salitre, a descrição deve ficar aproximada, descontando, **é claro**, o autor e a circunstância de ter gozado esta vista apenas uma vez.

Almada Negreiros, in *Canção do Mais Alto Rio*

Texto 6 – Leitora Apaixonada

Actividades: Leitura e reconto oral

As paixões eternas da Luciana duram quase sempre oito dias. Ao fim desse tempo ela morre de amor, descobre que afinal nasceu para freira ou deixa-se convencer pela *Superfixe* que as mulheres solteiras são as de maior encanto e sedução. Depois, na segunda-feira seguinte, esbarra com um qualquer moreno de olhos verdes (loiro de olhos azuis, moreno de olhos castanhos, loiro de olhos verdes, ruivo de olhos pretos, para o caso tanto faz) e volta tudo ao princípio. A setôra de Português está sempre a dizer que todos nós devíamos seguir o seu exemplo. Não que a setôra de Português seja muito apologista do namora – desnamora, nada disso. O que acontece é que a Luciana quando, ao fim dos oito dias da praxe, fica “feita num oito”, dá-lhe para o estudo. Enfia-se no quarto e, em dois dias, despacha um livro inteiro. Como se pode calcular, tem uma estante impressionante em casa. É “uma pequena de muitas leituras”, diz a setôra, sem desconfiar do que está por detrás de tanto afinco literário. Só ficou ligeiramente de pé atrás quando uma vez, ao pegar n’*Os Maias* da Luciana, deu com um imenso rol de nomes masculinos na primeira página.

- Jorge... Ramito... Zé Paulo... Luís António... Lúcio...

A setôra olhou para ela por cima dos óculos, espantada:

- São teus irmãos, são?

A setôra ainda é do bom tempo, coitada.

- Não – gaguejou a Luciana.

- Então não sei para que andas a escrever nos livros. Pensei que ele tivesse pertencido aos teus irmãos todos e agora fosse teu. Sim, porque para além do nosso nome não devemos escrever mais nada nos livros. É um sacrilégio!

A setôra de Português ama os livros com a mesma paixão que a Luciana ama os rapazes lá da escola.

A Luciana é uma rapariga muito organizada, e escreve em todos os livros o nome do namorado causador da sua leitura. “Albertino”, lê-se na primeira página do *Auto da Índia*. “Juvenal”, na primeira página dos *Bichos*. Mas *Os Maias* era grande demais para caber todos num desgosto de fim-de-semana, e por isso apanhou paixões várias pelo meio, coisa que ela não podia explicar à setôra de Português.

O meu pai diz que a Luciana é muito insegura e carente de afectos. O meu pai utiliza sempre palavras muito engraçadas para explicar as coisas. E se calhar até é capaz de ter razão. Quando vou a casa da Luciana nunca lá encontro ninguém, a mãe “saiu à bocado”, o pai “deve estar a chegar”, o que é facto é que, neste tempo todo, só lhes pus a vista em cima duas vezes, e foi sempre na festa de anos da Luciana. Mesmo assim, por pouco tempo:

- Vocês já são crescidinhos e não precisam da presença dos adultos para nada, pois não? – exclamava a mãe dela, a rir muito, já de casaco vestido e carteira no braço, à porta da rua.

Quanto ao pai, disse “tchau, gente!” e desandou logo a seguir.

- Ao menos não nos aborrecem – exclamou a Luciana, enquanto ia ao frigorífico buscar as garrafas de Coca-Cola.

Mas o riso dela soou um bocado a falso e eu nunca lhe toquei no assunto. Apesar de chatos, aborrecidos, implicativos com as notas, os pais fazem muito jeito numa casa.

Alice Vieira, *Caderno de Agosto* (texto com cortes)

Texto 7 - O Ovo da gaivota

Actividades: Divisão do texto em três partes lógicas; resumo escrito e discurso directo / indirecto.

O gato grande, preto e gordo estava a apanhar sol na varanda, ronronando e meditando acerca de como se estava bem ali, recebendo os cálidos raios pela barriga acima, com as quatro patas muito encolhidas e o rabo estendido.

No preciso momento em que rodava preguiçosamente o corpo para que o sol lhe aquecesse o lombo ouviu o zumbido provocado por um objecto voador que não foi capaz de identificar e que se aproximava a grande velocidade. Atento, deu um salto, pôs-se de pé nas quatro patas e mal conseguiu atirar-se para um lado para se esquivar à gaivota que caiu na varanda.

Era uma ave muito suja. Tinha todo o corpo impregnado de uma substância escura e malcheirosa.

Zorbas aproximou-se e a gaivota tentou pôr-se de pé arrastando as asas.

- Não foi uma aterragem muito elegante - miou.

- Desculpa. Não pude evitar - reconheceu a gaivota.

- Olha lá, tens um aspecto desgraçado. Que é isso que tens no corpo? E que mal que cheiras! - miou Zorbas.

- Fui apanhada por uma maré negra. A peste negra. A maldição dos mares. Vou morrer - grasnou a gaivota num queixume.

- Morrer? Não digas isso. Estás cansada e suja. Só isso. Porque é que não voas até ao jardim zoológico? Não é longe daqui e lá há veterinários que te poderão ajudar – miou Zorbas.

- Não posso. Foi o meu voo final - grasnou a gaivota numa voz quase inaudível, e fechou os olhos.

- Não morras! Descansa um bocado e verás que recuperas. Tens fome? Trago-te um pouco da minha comida, mas não morras - pediu Zorbas, aproximando-se da desfalecida gaivota.

Vencendo a repugnância, o gato lambeu-lhe a cabeça. Aquela substância que a cobria, além do mais, sabia horrivelmente. Ao passar-lhe a língua pelo pescoço notou que a respiração da ave se tornava cada vez mais fraca.

- Olha, amiga, quero ajudar-te, mas não sei como. Procura descansar enquanto eu vou pedir conselho sobre o que se deve fazer com uma gaivota doente – miou Zorbas preparando-se para trepar ao telhado.

la a afastar-se na direcção do castanheiro quando ouviu a gaivota a chamá-lo.

- Queres que te deixe um pouco da minha comida? – sugeriu ele algo aliviado.

- Vou pôr um ovo. Com as últimas forças que me restam vou pôr um ovo. Amigo gato, vê-se que és um animal bom e de nobres sentimentos. Por isso, vou pedir-te que me faças três promessas. Fazes? - grasnou ela, sacudindo desajeitadamente as patas numa tentativa falhada de se pôr de pé.

Zorbas pensou que a pobre gaivota estava a delirar e que com um pássaro em estado tão lastimoso ninguém podia deixar de ser generoso.

- Prometo-te o que quiseres. Mas agora descansa - miou ele compassivo.

- Não tenho tempo para descansar. Promete-me que não comes o ovo - grasnou ela abrindo os olhos.

- Prometo que não te como o ovo - repetiu Zorbas.

- Promete-me que cuidas dele até que nasça a gaivotinha.

- Prometo que cuido do ovo até nascer a gaivotinha.

- E promete-me que a ensinas a voar - grasnou ela fitando o gato nos olhos.

Então Zorbas achou que aquela infeliz gaivota não só estava a delirar, como estava completamente louca.

- Prometo ensiná-la a voar. E agora descansa, que vou em busca de auxílio - miou Zorbas trepando de um salto para o telhado.

Kengah olhou para o céu, agradeceu a todos os bons ventos que a haviam acompanhado e, justamente ao exalar o último suspiro, um ovito branco com pintinhas azuis rolou junto do seu corpo impregnado de petróleo.

Luís Sepúlveda, *História de uma Gaivota e do Gato que a Ensinou a Voar*
(Tradução de Pedro Tamen)

Texto 8- O Gato e a Gaivota

Actividades: Divisão do texto em três partes lógicas; resumo escrito e discurso directo / indirecto.

Deram uma volta e entraram por uma pequena porta lateral que o humano abriu com a ajuda de uma navalha. De um bolso tirou uma lanterna e, iluminados pelo seu delgado raio de luz, começaram a subir uma escada de caracol que parecia interminável.

- Tenho medo - grasnou Ditosa.

- |Mas queres voar, não queres? - miou Zorbas.

Do campanário de São Miguel via-se toda a cidade. A chuva envolvia a torre de televisão e, no porto, as gruas pareciam animais em repouso.

- Olha, ali vê-se o bazar do Harry. Estão ali os nossos amigos - miou Zorbas.

- Tenho medo! Mamã! - grasnou Ditosa.

Zorbas saltou para o varandim que protegia o campanário. Lá em baixo os automóveis moviam-se como insectos de olhos brilhantes. O humano pegou na gaivota nas mãos.

- Não! Tenho medo! Zorbas! Zorbas! - grasnou ela dando bicadas nas mãos do humano.

- Espera! Deixa-a no varandim - miou Zorbas.

-Não estava a pensar atirá-la - disse o humano.

- Vais voar, Ditosa. Respira. Sente a chuva. É água. Na tua vida terás muitos motivos para ser feliz, um deles chama-se água, outro chama-se vento, outro chama-se sol e chega sempre como recompensa depois da chuva. Sente a chuva. Abre as asas – miou Zorbas.

A gaivota estendeu as asas. Os projectores banhavam-na de luz e a chuva salpicava-lhe as penas de pérolas. O humano e o gato viram-na erguer a cabeça de olhos fechados.

- A chuva, a água. Gosto! - grasnou.

- Vais voar - miou Zorbas.

- Gosto de ti. És um gato muito bom - grasnou ela aproximando-se da beira do varandim.

- Vais voar. Todo o céu será teu - miou Zorbas.

- Nunca te esquecerei. Nem aos outros gatos - grasnou já com metade das patas de fora do varandim, porque, como diziam os versos de Atxaga, o seu pequeno coração era o dos equilibristas.

- Voal! - miou Zorbas estendendo uma pata e tocando-lhe ao de leve.

Ditosa desapareceu da sua vista, e o humano e o gato temeram o pior. Caíra como uma pedra. Com a respiração em suspenso assomaram as cabeças por cima do varandim, e viram-na então, batendo as asas, sobrevoando o parque de estacionamento, e depois seguiram-lhe o voo até às alturas, até mais para além do cata-vento de ouro que coroava a singular beleza de São Miguel.

Ditosa voava solitária na noite de Hamburgo. Afastava-se batendo as asas energicamente até se elevar sobre as gruas do porto, sobre os mastros dos barcos, e depois regressava planando, rodando uma e outra vez em torno do campanário da igreja.

- Estou a voar! Zorbas! Sei voar! - grasnava ela, eufórica, lá da vastidão do céu cinzento.

O humano acariciou o lombo do gato.

- Bom, gato, conseguimos - disse ele suspirando.

- Sim, à beira do vazio compreendeu o mais importante - miou Zorbas.

- Ah, sim? E o que é que ela compreendeu? - perguntou o humano.

- Que só voa quem se atreve a fazê-lo - miou Zorbas.

- Suponho que agora te estorva a minha companhia. Espero-te lá em baixo - despediu-se o humano.

Zorbas permaneceu ali a contemplá-la, até que não soube se foram as gotas de chuva ou as lágrimas que lhe embaciaram os olhos amarelos de gato grande, preto e gordo, de gato bom, de gato nobre, de gato do porto.

Luís Sepúlveda, *História de uma Gaivota e do Gato que a Ensinou a Voar*
(Tradução de Pedro Tamen).

Texto 9 – O doutor Grilo

Actividades: Texto interrompido para completar

Passava um dia pela ponte de Coimbra um carvoeiro, com um burro carregado de carvão. Viu muitos estudantes sentados na ponte a comer bolos, rebuçados e amêndoas. O carvoeiro disse para si:

- Para comer coisas tão boas é preciso ser estudante, pois vou, também, fazer-me estudante.

Dito e feito. Vendeu o carvão e o burro na cidade. Vestiu-se com as sacas de carvão e foi sentar-se na ponte, a comer côdeas de pão de milho, porque o dinheiro não dava para comprar bolos.

Os estudantes estranharam o novo colega e perguntaram-lhe:

- Ó caloiro, para que estudas tu? Ao que ele respondeu:

- Estudo para adivinho.

Tinham-se passado alguns dias depois disto, quando constou que tinham roubado um tesouro ao rei de Portugal e que ele premiava quem descobrisse o ladrão. Os estudantes foram então dizer ao rei que havia um estudante que estudava para adivinho. O rei mandou-o logo chamar ao palácio e disse-lhe que queria ver se ele já estava muito adiantado na ciência que estudava. Ora, o carvoeiro chamava-se Fulano de Tal e Grilo. O rei chegou-se ao pé dele com a mão direita fechada e perguntou-lhe:

- Que tenho eu nesta mão?

O estudante, aflito por não saber o que havia de responder, deu um ai e disse:

- Ai! Grilo, Grilo, em que mão estás metido!

Então o rei, que ignorava que ele se chamasse Grilo, abriu a mão e disse:

- Adivinhaste! É um grilo que eu aqui tenho.

O rei ficou satisfeito e o estudante ainda mais. Depois o rei, para ver se o estudante ainda adivinhava mais, mandou matar uma porca, encheu um frasco do seu sangue, e perguntou ao estudante:

- De que é este sangue?

- Aqui, agora, é que a porca torce o rabo.

O rei respondeu:

- Adivinhaste, é sangue de porca que eu tenho no frasco.

E disse-lhe mais o rei:

- Agora, dou-te três dias para descobrires os ladrões do meu tesouro.

Espalhou-se pela corte que estava no palácio um adivinho, que ia descobrir os ladrões do tesouro e dois dos criados do rei foram ter com o estudante e disseram-lhe:

- Dar-vos-emos muito dinheiro, se não disserdes ao rei que fomos nós que lhe roubámos o tesouro!

Foi o que o estudante quis ouvir. Mandou logo chamar o rei e disse-lhe:

- Saiba Vossa Majestade que dois dos seus criados roubaram o tesouro.

O rei, conhecedor da verdade, mandou prender os criados e eles restituíram-lhe o tesouro.

O rei disse ao estudante que o queria premiar muito bem e pediu-lhe que se deixasse estar no palácio mais alguns dias. Durante esses dias, sucedeu que à princesa, filha do rei, atravessou-se-lhe um osso nas goelas, quando estava a jantar. Os médicos do palácio não se atreviam a tirar-lho e o rei foi ter com o estudante e disse-lhe que o premiava muito bem se desse remédio à princesa.

O estudante mandou, então, deitar a princesa de bruços no chão e começou a atirar-lhe bolas de manteiga para cima dela. A princesa ria-se e tornava a rir, até que lhe saiu o osso das goelas.

O rei deu grandes somas de dinheiro ao estudante e disse-lhe:

- Já que tanto sabes, ficas nomeado médico do hospital, e da minha casa real.

Nesse tempo, andava na cidade uma grande epidemia,

Contos Tradicionais Portugueses

Texto 9 – O cavaleiro das sete cores

Actividades: Leitura e reconto oral

Um conde tinha ficado cativo na guerra contra os mouros. Levaram-no ao rei para que fizesse dele o que quisesse. Tinha o rei três filhas, todas três muito formosas, que pediram ao pai que o deixasse ficar prisioneiro no castelo até que o viessem resgatar. A menina mais velha foi ter com o conde, e disse-lhe que casaria com ele, se lhe ensinasse qualquer coisa que ela não soubesse. O cativo disse:

- Pois ensino-te a minha religião, e vens comigo para o meu reino, e casaremos.

Ela não quis. Deu-se o mesmo com a segunda.

Veio por sua vez a menina mais moça; quis aprender a religião e combinaram fugir do castelo, sem que o rei soubesse de nada. Disse então ela:

- Vai à cavalaria, e hás-de lá encontrar um rico cavaleiro de sete cores, que corre como o pensamento. Espera por mim no pátio, à noite, e partiremos ambos.

Assim fez. A princesa apareceu com os seus vestidos de moura, com muitas jóias e, à primeira palavra que disse, logo o cavaleiro das sete cores se pôs nas vizinhanças da cidade de onde era natural o cativo conde.

Antes de chegar à cidade havia um grande areal; o conde apeou-se, e disse à princesa que esperasse ali por ele, enquanto ia ao seu palácio buscar fatos próprios para aparecer na corte, porque estava com roupas de cativo e ela de mourisca.

Assim que a princesa ouviu isto, rompeu num grande choro:

- Por tudo quanto há, não me deixes aqui, porque hás-de esquecer-te de mim.

- Como é que isso pode ser?

- Porque assim que te separe de mim e alguém te abraçar logo me esqueces completamente.

O conde prometeu que não se deixaria abraçar por ninguém, e partiu; mas assim que chegou ao palácio a sua ama de leite reconheceu-o, e com a alegria foi para ele e abraçou-o pelas costas. Não foi preciso mais; nunca mais ele se pôde lembrar da princesa. Ela tinha ficado no areal, e foi dar a uma cabana onde vivia uma pobre mulher, que a recolheu e a tratou bem; ali foi ter a notícia de que o conde estava para casar com uma formosa princesa, e na véspera do casamento a mourisca pediu ao filho da velha que levasse o cavaleiro das sete cores a passear no adro da igreja em que se haviam de casar.

Assim foi, quando chegou o noivo com o acompanhamento, ficou pasmado de ver um tão belo cavaleiro, e quis vê-lo mais de perto. O moço que o passeava andava a dizer:

Anda, cavaleiro! Anda,
Não esqueças o andar,
Como o conde esqueceu
A moura no areal.

O noivo lembrou-se logo da sorte que lhe tinha caído, desfez o casamento com a princesa e foi buscar a mourinha com quem casou, e viveram muito felizes.

Teófilo Braga, *Contos Tradicionais Portugueses*

PARTE 8 – 9º ano: obras e história da língua portuguesa

“Auto da Barca do Inferno”, de Gil Vicente

1. Justificação do título:

“Auto”, porque tem a ver com a religião, trata de assuntos religiosos

“da Barca”, porque é o meio de transporte usado pelas personagens

“do Inferno”, porque a maior parte das personagens tem esse destino

2. Função da linguagem: apelativa

Fazer apelos ou pedidos, podendo até ser alguma ordem.

3. Recursos estilísticos ou figuras de estilo: ironia, eufemismo e apóstrofe

Ironia – gozo; com a IRONIA pretende-se sugerir o contrário daquilo que se diz com as palavras.

Eufemismo – dizer por palavras suaves uma dura realidade. Ex: “Ilha perdida” em vez de “Inferno”

Apóstrofe – quando chama alguém. Ex: Ó poderoso Dom Anrique

http://esjmlima.prof2000.pt/figuras_estilo/figuras_menu.html

4. Caracterização de personagens

4.1. O Fidalgo

O fidalgo, com toda a sua vaidade, ricamente vestido e seguido por um pajem que lhe segura a cauda do manto e lhe transporta a cadeira de espaldas, vivera ligado aos prazeres do mundo e desprezara os elementos do povo.

Como estava habituado a gozar de privilégios especiais, nem sequer lhe havia passado pela cabeça que poderia ir parar ao inferno, pois confiou no seu estado social.

Tendo em conta a época em que viveu, constatamos a sua presunção e a infidelidade por parte da sua dama.

Face ao exposto, podemos concluir que esta personagem representa a soberba e a presunção de toda a nobreza, ou seja, dos grandes deste mundo.

4.2. O Onzeneiro

O onzeneiro, um elemento da burguesia comercial, apresenta-se no estrado com um bolsão que ocupa quase toda a barca. Só pensa no dinheiro e chega a pedir ao Diabo que o deixe voltar ao mundo para ir buscá-lo, o que denota toda a sua avareza e cobiça.

Este usurário, que enriquecera à custa dos altos juros do dinheiro que emprestara aos necessitados, vai parar, naturalmente, à barca do inferno.

5. Personagens tipo:

As personagens tipo representam a sua classe social.

Os símbolos que trazem consigo, bem como a sua linguagem, ajudam a caracterizar as personagens. Para o Fidalgo, que representa a nobreza, temos a cadeira, o manto e o pajem; para o Onzeneiro, que representa a burguesia, o “bolsão”; para o Sapateiro, que representa o povo, as formas dos sapatos e a bata.

Numa palavra, cada personagem que entra em cena não se representa a si própria, mas toda a classe social a que pertence.

6. Aspecto cómico:

6.1. Função do Parvo

O Parvo tem como função ser intermediário do cómico.

Esta personagem não é uma personagem tipo, porque não representa uma classe social e tem uma função cômica na obra.

6.2. Comicidade

Há três processos de cómico: de linguagem (recurso a termos populares), de situação (por exemplo, quando o Parvo pergunta se deve entrar na barca de pulo ou de voo e a entrada do Frade com um capacete de esgrima) e de carácter (por exemplo, o carácter da personagem o Parvo).

6.3. “Ridendo castigat mores”

Esta expressão latina significa que a rir castigam-se os costumes, isto é, Gil Vicente recorre ao processo do cómico (“Ridendo”) para criticar (“castigat”) os vícios da sociedade (“mores”).

7. Sapateiro

“carregado” (adjectivo dito pelo Diabo) de pecados e de formas;

carga = “cárrega” (substantivo dito pelo Anjo) de pecados e de formas.

Estamos perante um adjectivo e um substantivo com dupla significação.

8. Frade

“Devasso, namorado e esgrimidor, o que entra dançando e assobiando, com uma Moça pela mão, na Barca do Inferno” (Carolina Michaëlis)

9. Corregedor / descorregedor:

Descorregedor – Prefixo de negação + corrector

Sonorização: ptc » bdg

p	t	c
b	d	g

10. Finalidade da obra: criticar, divertir e moralizar.

Criticar (os vícios e os costumes da sociedade), divertir (critica a rir, para distrair o público) e moralizar (corrigir os erros).

11. Auto de moralidade

Na produção dramática vicentina, esta obra é um auto de moralidade porque Gil Vicente apresenta um retrato da vida e dos costumes da sociedade da sua época e, pela crítica da humanidade, com especial incidência em assuntos religiosos, pretende moralizar e edificar os espectadores.

Numa palavra, o seu objectivo é construir uma sociedade diferente, ou seja, uma nova humanidade. Critica a sociedade para que as pessoas corrijam os seus defeitos e modifiquem as suas atitudes.

12. Intemporalidade da obra: (intemporal = não ter tempo)

A obra é intemporal porque o seu conteúdo é actual, ou seja, está presente nos nossos dias. Gil Vicente critica algo que ainda hoje existe.

13. Termos linguísticos:

Arcaísmos: palavras que caíram em desuso, isto é, hoje não se escrevem da mesma maneira. (Ex: "cárrega"; "la")

Neologismos: criação de novas palavras. (Ex: "descorregedor"; "descortesia")

Latinismos: uso de palavras latinas. (Ex: "regulae juris"; "Deo gratias")

14. Síntese do "ABI"

Texto dramático de construção livre, em que são apresentados diversos tipos sociais por Gil Vicente, um homem da Idade Média e do Renascimento.

Classes sociais	Vícios
Clero	Religiosos
Nobreza	Morais
Povo	Sociais
Burguesia	Sociais e morais

Simbologia das personagens:

Fidalgo – representa os grandes do mundo, desfrutando da soberba e da presunção; símbolo do abuso do poder e da vaidade.

Onzeneiro – representa a banca e os negociantes, que vivem do lucro fácil da usura; símbolo do enriquecimento fácil através da cobrança de altos juros.

Parvo – representa a ingenuidade e tem uma função cômica na obra.

Sapateiro – representa a falta de honestidade no exercício do seu trabalho; símbolo dos pecados.

Frade – representa a devassidão e o baixo materialismo do clero; símbolo do amancebamento e da vida mundana.

Alcoviteira – representa o tráfico e o desrespeito pela pessoa humana; símbolo da feitiçaria e prostituição.

Judeu – representa a marginalidade social; símbolo do fanatismo religioso.

Corregedor e Procurador – representam a venalidade da justiça; símbolo da corrupção e injustiça.

Enforcado – representa o crime; símbolo do enforcamento.

Cavaleiros – representam o poder da fé; símbolos da apologia da fé.

“Os Lusíadas”, de Luís de Camões

- **Corrente literária**

Renascimento – renascer, retomar; imitação dos clássicos, dando-lhes uma nova imagem (abertura de caminhos para a idade moderna);

Humanismo – humanizar, está ligado ao homem; valorização do homem através do interesse pelas artes e literatura.

Classicismo – antigo; referência a valores formais e de conteúdo do passado.

- **Estrutura**

Externa (o que se vê por fora) – dez **cantos**, com várias **estrofes** por canto, num total de 1102; cada uma tem oito versos (**oitavas**) com dez sílabas métricas (versos **decassílabos**) e mantém sempre com o mesmo esquema rimático **ABABABCC**.

- A obra divide-se em dez partes, às quais se chama **cantos**. Cada canto tem um número variável de **estrofes** (de 87 a 156), perfazendo no total 1102. O canto mais longo é o X, com 156 estrofes.
- As estrofes são **oitavas** (oito versos). Cada verso é constituído por dez sílabas métricas (**decassílabo**); nas sua maioria, os versos são heróicos (acentuados na sexta e décima sílabas), pois surgem, igualmente, raros exemplos de decassílabo sáfico – acentuado nas 4ª, 8ª e 10ª sílabas.
- O esquema rimático é o mesmo em todas as estrofes da obra (oitava heróica ou italiana): rima cruzada nos seis primeiros versos e emparelhada nos dois últimos (**ABABABCC**).

(Rever as noções de versificação)

Interna (o que se vê por dentro) – **Proposição** (proposta, introdução), **Invocação** (chamar, pedir auxílio), **Dedicatória** (oferecer ou dedicar a alguém), **Narração** (contar episódios: históricos, bélicos, líricos, mitológico)

(Dentro da estrutura interna, cada parte – **PIDN** - pode conter um ou mais Planos – da viagem, da história de Portugal, da mitologia, das considerações ou intervenções do poeta.

Há ainda vários **episódios**: bélicos – batalha de Ourique; líricos – Inês de Castro; simbólicos – o Gigante Adamastor; naturalistas – tempestade; mitológicos – consílio dos deuses)

- **Epopéia**

- . herói colectivo = povo português
- . maravilhoso pagão – recurso à mitologia (=deuses pagãos)
- . narrativa “in media res” (= no meio da coisa)
- . aspectos formais = narrativa em versos decassílabos em oitavas (estrutura externa)

Canto I:

✓ Proposição (estrofes 1,2,3)

Divisão em partes lógicas:

1ª Parte (1ª e 2ª estrofes): façanhas guerreiras dos homens ilustres (armas e os barões) e reis que dilataram a fé e o império na África e Ásia e ainda todos aqueles que se tornaram imortais por obras valiosas.

2ª Parte (3ª estrofe): A glória do povo português, “A quem Neptuno e Marte obedeceram”.

✓ Invocação (estrofes 4 e 5)

Emissor: “eu poético”

Receptor: “Tágides”

Mensagem: pedido de ajuda a um ser mitológico, às ninfas do Tejo, para conseguir cantar aquilo a que se propôs. O poeta pede-lhes que lhe concedam um estilo pelo menos tão grandioso e apaixonante como o dos maiores poetas antigos, proporcional aos grandiosos feitos que vai cantar, “se é que tão grandes feitos cabem em verso”.

✓ Dedicatória (estrofes 6 a 18)

Emissor: “eu poético”; Receptor: “poderoso Rei”

“Os Lusíadas” são dedicados a D. Sebastião (1554-1568), um jovem rei que desapareceu na Batalha de Alcácer Quibir.

O poeta exalta D. Sebastião como jovem rei destinado pelo Fado ou Providência a grandes feitos, dilatando a Fé e o Império (v.8, est.6). O louvor está, pois, em ser apresentado como um jovem - rei em quem o povo português tudo espera.

O sebastianismo é precisamente isto: a imagem de um rei fatalmente destinado a ser salvador de uma nação em crise.

A dedicatória assenta na estrutura clássica de uma peça oratória:

Discurso clássico		Dedicatória
• Exórdio	Início ou introdução	Est. 6-8
• Exposição	Corpo ou desenvolvimento	Est.9-11
• Confirmação	Demonstração por exemplos	Est.12-14
• Peroração	Recapitulação	Est. 15-17
• Epílogo	Fim	Est. 18

✓ Narr
ação
(com
eça
na
estro
fe
19)

• Narr

Narração “in media res”

A **narração da viagem**, como já é norma nos poemas (clássicos) épicos, inicia-se “*in media res*”, isto é, já a meia do seu curso, na zona do canal de Moçambique, a partir da qual eles são verdadeiros “descobridores”, pois até aí outros e em especial Bartolomeu Dias já tinham chegado.

A parte inicial da viagem, entre Belém e Moçambique, será narrada mais tarde por Vasco da Gama, num processo de retrospectiva ou analepse. (Cf. Mapa, pág. 140).

Narração:

“Já no largo Oceano **navegavam**,
As inquietas ondas apartando (...),” est.19
“Quando os Deuses no Olimpo luminoso,
(...)
Se ajuntam em consílio glorioso,
(...)” est.20

NAVEGADORES

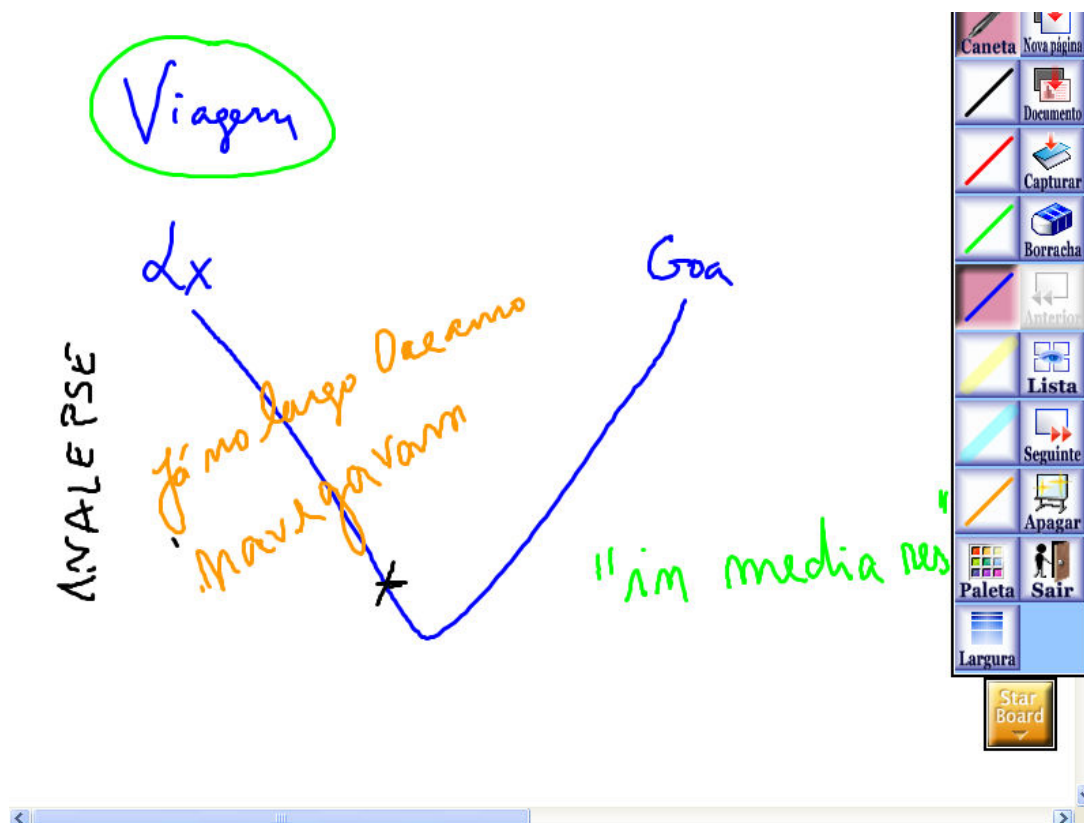
Plano da viagem

DEUSES

Plano dos deuses

Duas acções simultâneas:

1. Os navegadores navegavam
2. Os deuses juntaram-se



Evolução da língua portuguesa

A língua portuguesa é uma realidade:

- . **dinâmica (activa, enérgica, mexida –anda, muda, não está sempre na mesma)** Verdadeiro
- . **estática (imóvel, parada, hirta - não anda, não muda, está sempre na mesma)** Falso

A língua portuguesa é uma realidade dinâmica porque as palavras viajam no tempo e no espaço. No tempo, porque as palavras sofreram alterações ao longo da história; no espaço, porque a fala do português é diferente na pronúncia e na sintaxe nos mais diversos continentes.

Alguma etapas, tendo em conta os contactos dos povos, por razões históricas:

(Apresentação de acetatos do professor)

- 1.º Indo-europeu
- 2.º Latim
- 3.º Galaico-português
- 4.º Português arcaico (antigo, desusado)
- 5.º Português moderno

A importância da língua materna:

- . factor de comunicação;
- . factor de imposição social;
- . factor de identificação;
- . factor de imortalidade.

A Palavra = signo linguístico: significado + significante

Significado (ideia, imagem); exemplo:



Significante (som, forma); exemplo: carro, voiture, car.

Língua, linguagem e fala.

Língua = conjunto de signos linguísticos ordenados e utilizados pelos falantes da mesma comunidade linguística na comunicação

Linguagem = processo de comunicação entre os seres vivos

Fala = exercício concreto de actividade de comunicação

“As palavras viajam no tempo” e “As palavras viajam no espaço”.

Noções de:

- **Diacronia** – estudo da língua através do tempo

- **Sincronia** – estudo da língua num determinado tempo (numa determinada época) em várias partes do mundo

Palavras divergentes

atrium < átrio (via erudita)
adro (via popular)
(atrium » átrio » adrio» adro)

solitarium < solitário (via erudita)
solteiro (via popular)
(solitarium » solitário » solitairo » soliteiro » solteiro)

arenam < arena (via erudita)
areia (via popular)
(arenam » arena » area» areia)

As palavras divergentes **têm em comum o significado (sentido)**, mas o significante (a forma, o som) é diferente.

Palavras convergentes

rideo
> rio
rivum

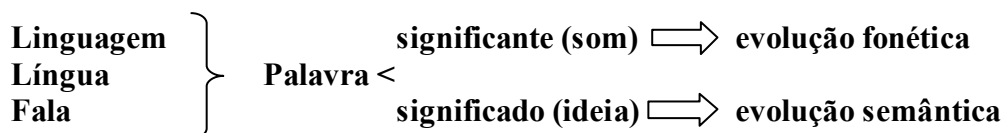
rideo (forma verbal do verbo rir) = rio
(substantivo) = rio

sunt (forma verbal do verbo ser) = são
sanum (adjectivo) = são

As palavras convergentes **têm o significado (sentido) diferente**, mas o significante (a forma, o som) é igual.

História da evolução da Língua Portuguesa:

http://esjmlima.prof2000.pt/hist_evol_lingua/R_GRU-M.HTML



Português Clássico:

. Luís de Camões

. Gil Vicente

3 clássicos

. Eneida, de Virgílio (romano)

. Ilíada, de Homero (grego)

. Odisseia, de Homero (grego)

Renascimento Humanista

PARTE 9 – Um curso de Língua Portuguesa

Um Curso Completo de Língua Portuguesa

Um curso completo da língua portuguesa

Clique no tema para acessar a explanação.

LÍNGUA PORTUGUESA			
Gramática		Redação	Outros Assuntos
Acentuação	Numerais	Como se escreve?	Curiosidades
Alfabetos	Onomatopéia	Expressões X Dúvidas	Dicionário Folclore
Coletivos	Orações Subordinadas	Isto, isso e Aquilo	Ditados Populares
Concordância nominal	Ortoepia e Prosódia	Manual de Redação	Fábulas
Concordância Verbal	Ortografia	Metáforas	Lista de Fábulas
Conjugador verbal	Palíndromos	Lista de Metáforas	História Língua Portuguesa
Crase	Pontuação	Parábolas	'Pérolas' do Vestibular I
Divisão Silábica	Prefixos	Lista de Parábolas	'Pérolas' do Vestibular II
Empregos Maiúscula	Pronomes	Vícios de Linguagem	
Figuras de Linguagem	Radicais		
Fonética	Regência Verbal		
Formação do plural	Sintaxe		
Hibridismo	Sufixos		
Hífen	Tempos Verbais 1		
Homônimos e Parônimos	Tempos Verbais 2		
Morfologia	Verbos		
Neologismo			

Links úteis

<http://www.gave.min-edu.pt/> GAVE

http://www.dgidec.min-edu.pt/programs/prog_hom/portugues_10_11_12_cg_ct_homol_nova_ver.pdf#search=%22programa%20da%20disciplina%20de%20portugu%C3%AAs%22 programas de Português

<http://www.cardosolopes.net/Alunos/Disciplinas/LP/bd.pdf> Banda desenhada

http://www.eb23-sta-comba-dao.rcts.pt/crie_conteudos/A_Banda_Desenhada.pdf

http://ebim.drealentejo.pt/moodle//file.php/104/PowerPoints/A_B.D.ppt #262,6,A GRAMÁTICA DA B.D.

<http://aulaportugues.no.sapo.pt/modulo14.htm> aulas de português

<http://tudosobrewebquest.blig.ig.com.br/> Como fazer webquest

http://www.livre.escolabr.com/ferramentas/wq/procesa_index_todas.php Exemplos webquest

<http://eb23cmat.prof2000.pt/sala/fazer/fazprinc.html> Aqui aprendes

http://www01.madeira-edu.pt/projectos/vemaprenderportugues/Testes/7Ano/ano7testes_index.htm
Exercícios práticos de LPort

http://esjmlima.prof2000.pt/hist_evol_lingua/R_GRU-M.HTML Hist e Evolução da LPort

http://esjmlima.prof2000.pt/figuras_estilo/figuras_menu.html Recursos estilísticos

http://www.dgidec.min-edu.pt/TLEBS/gramatica/5_matdidactic.htm gramática

http://www.dgidec.min-edu.pt/TLEBS/gramatica/avaliar_oral.htm

<http://testesdeportugues.blogspot.com/> - Testes de Português

Programa

PARTE 1 - Escrita

1. Exercícios práticos de escrita
 - 1.1. . de ortografia
 - 1.2. . de pontuação
 - 1.3. . de acentuação
 - 1.4. . de tipos de frase
 - 1.5. . de reescrita.
2. Escrita / reescrita de textos
3. Elementos de comunicação

PARTE 2 – Protótipos textuais

4. Estudo comparativo de textos normativos:
 - 4.1. . o contrato; a acta; o convite
 - 4.2. . a carta;
 - 4.3. . a declaração; o requerimento
5. Texto jornalístico:
 - 5.1. . notícia
 - 5.2. . entrevista
 - 5.3. . crónica
 - 5.4. . publicidade
6. Texto narrativo:
 - 6.1. . a narração
 - 6.2. . a descrição
 - 6.3. . o resumo
 - 6.4. . discurso directo / indirecto
7. Texto dramático
8. Texto Lírico
9. Conceitos de biografia / autobiografia

PARTE 3 – Funcionamento da Língua

10. Relação entre palavras
11. Discurso directo / indirecto e diálogo
12. Voz activa / voz passiva
13. Formação de palavras
14. Noções básicas de versificação

PARTE 4 – Morfologia

PARTE 5 - Sintaxe

PARTE 6 – Frase simples e complexa

PARTE 7 - Leitura

15. Os direitos do leitor
16. A importância da leitura
17. Verbos em testes
18. Textos para estudar

PARTE 8 - 9º ano: obras e história da língua portuguesa

19. “Auto da Barca do Inferno”, de Gil Vicente
20. “Os Lusíadas”, de Luís de Camões
21. Evolução da língua portuguesa

PARTE 9 – Um curso de Língua Portuguesa

22. Links úteis